



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA PSÍQUICA DURANTE O
SEQUESTRO**

Maria Carolina Moreno Alzate

Orientador de Dissertação:
Coordenador de Seminário de Dissertação:
MARIA ANTÓNIA TRIGUEIROS DE CASTRO CARREIRAS

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA APLICADA
Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Maria Antónia Trigueiros de Castro Carreiras, apresentada no ISPA – Instituto Universitário, para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Em primeiro lugar, desejo agradecer ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada - ISPA, pela oportunidade que me ofereceu para concluir o meu curso.

Agradeço à minha orientadora, professora doutora Maria Antónia, por se ter mostrado interessada no tema desde o início, e por proporcionar-me segurança e motivação para o levar a cabo.

Aos meus pais, que têm sido o meu maior suporte nas minhas travessias até agora. Obrigada pela confiança que depositaram em mim, no dia que saí de casa. Obrigada pelo amor de todos os dias e por tornarem as saudades mais leves.

Ao meu irmão, pelas palavras de coragem e por ser, sempre, um exemplo a seguir.

Agradeço à Maria, por estar presente no meu dia a dia, pela infinita paciência e pelo amor. Por ser a pessoa que me relembra dos meus objetivos, quando me encontro perdida. Por ser a pessoa que me abriu as portas de um novo mundo.

À Catarina, por encontrar tempo para conversar comigo nos momentos mais difíceis e por me ajudar a elucidar mentalmente. Obrigada também por corrigir o meu português.

Agradeço a todas as pessoas que têm estado presentes durante estes últimos anos. Obrigada por me receberem nas suas vidas e por fazerem com que a minha estadia em Portugal esteja a ser maravilhosa.

Obrigada também aos que estão longe.

Resumo

O objetivo do presente trabalho debruça-se na análise compreensiva e na reflexão de algumas das estratégias psíquicas de sobrevivência, utilizadas por uma vítima de sequestro político.

Ingrid Betancourt era candidata à presidência da Colômbia, quando sequestrada na Colômbia pelas FARC, durante seis anos e meio. Durante o seu cativeiro, serviu-se de várias estratégias, para se proteger psiquicamente dos atos atrozes dos quais estava a ser vítima. O presente estudo visa à compreensão e à reflexão de algumas das estratégias através de uma abordagem do modelo dinâmico. Para levar a cabo este estudo, acedeu-se à fonte principal de literatura, onde Ingrid relata os seus anos como cativa “*Até o silêncio tem um fim*”. Outros dos seus escritos serão usados como fontes de apoio para uma melhor compreensão da experiência. Ao longo do seu cativeiro, Ingrid acode a objetos, a relações, a comportamentos, para se proteger psiquicamente da destruição da sua identidade. Com o tempo, estas estratégias iriam sucumbindo perante as tentativas das FARC para a submeter e controlar. Ingrid é resgatada pelo exército da Colômbia, seis anos e meio depois do seu sequestro, dando fim a sua tortura.

Palavras-chave: estratégias de sobrevivência, vítima, sequestro.

Abstract

The following document focuses on the discussion and comprehensive analysis of psychological survival strategies utilized by an individual who was victim of political kidnapping.

Ingrid Betancourt was a Colombian presidential candidate at the time she was abducted by FARC and consequently held captive for six and a half years. During her captivity, she relied on strategies to protect herself psychologically from the atrocious acts to which she was subjected. This study is aimed toward the understanding and examination of some of these strategies through a dynamic model approach. The primary source of literature utilized to conduct this study was the book “Until Death Do Us Part” in which Ingrid narrates the six years of her abduction. In addition, two other books will serve as support for a better understanding of the kidnapping experience. During the six years of captivity, Ingrid used objects, relationships, and certain behaviors to protect herself psychologically and prevent the destruction of her identity. Over time, however, these strategies would perish before the FARC's attempts to subdue and control her. After six and a half years of being held captive, Ingrid is eventually rescued by the Colombian National Army, which brings her torture to an end.

Key-words: survival strategies, victim, abduction.

CONTEÚDO

I.	Introdução.....	7
II.	Contexto Histórico.....	9
1.	Ingrid Betancourt Pulecio	9
2.	A Colômbia.....	14
3.	As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - Exército do Povo (FARC – EP) 17	
4.	O Sequestro.....	20
III.	O cativoiro.....	21
5.	Nota introdutória.....	21
6.	O relato de Ingrid.....	22
IV.	Efeitos da violência social	42
V.	Estratégias de Sobrevivência.....	46
1.	Os “Tesouros”.....	49
2.	Da oposição à sujeição.....	51
3.	Relações durante o cativoiro.	55
4.	Relação com a família.....	59
VI.	O fim do cativoiro	62
1.	Em liberdade	62
2.	O objetivo da escrita	64
VII.	Referências Bibliográficas	66

I. Introdução

O presente trabalho destina-se a pensar e analisar as estratégias de sobrevivência de uma vítima de sequestro político, Ingrid Betancourt. Graduada no Instituto de Estudos Políticos de Paris, ex-deputada e ex-senadora, era candidata à presidência da Colômbia em 2002 com o “*Partido Verde Oxígeno*” quando em fevereiro do mesmo ano foi sequestrada pelo grupo guerrilheiro FARC¹. O sequestro foi denunciado pelo governo da Colômbia como tendo objetivos políticos nas negociações bilaterais entre a guerrilha e o governo. Mantida em cativeiro na selva por mais de seis anos, foi resgatada pelo exército colombiano numa operação clandestina, *Operación Jaque* em Julho de 2008.

A motivação para este trabalho surgiu de uma curiosidade e preocupação acerca das temáticas sociais de violência e o seu impacto na vida dos indivíduos, especialmente na vida psíquica. Por ser proveniente de um país com elevados níveis de violência, a Colômbia, cresci num ambiente onde era quotidiano ouvir notícias sobre desaparecimentos forçados, deslocamentos forçados, sequestros com fins políticos e económicos (extorsivos), assassínios, massacres e miséria, mas mais ainda, impunidade. Com o tempo, estes temas tornaram-se banais e pensei que me tinha tornado insensível à realidade do meu país, mas depois percebi que era somente outra forma de me defender de um mundo externo hostil. Este trabalho é mais uma compreensão do mundo interno de uma pessoa enquanto vítima desse mundo externo ameaçador.

O tema das vítimas do sequestro no âmbito da psicologia clínica tem sido relativamente pouco estudado, no entanto considera-se ser um assunto muito importante, ainda que complexo e delicado, no que respeita aos profissionais da saúde mental. A história do sequestro no mundo remonta há muitos anos atrás, mas a tentativa de compreender os efeitos psicológicos a curto e longo prazo é relativamente recente. Na Colômbia, o sequestro constitui uma das mais bruscas expressões da violência sócio-política, tendo aumentado no decorrer das últimas duas décadas (Navia, 2003).

Para compreender este fenómeno e os seus efeitos psicológicos nas vítimas é importante ter em conta as características particulares e os factores específicos de cada experiência: tipo de sequestro, tempo e condições no cativeiro, os infratores, a idade, bem como muitas outras características específicas da vida psíquica e da vida em geral (Rodríguez,

¹ As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) são uma guerrilha de esquerda que operam na Colômbia. É considerada por alguns países como organização terrorista.

2002). Para além destes aspectos, através da revisão da literatura prévia ao início do trabalho, percebeu-se que o essencial para a análise deste tipo de experiências de violência social, era um trabalho de compreensão das estratégias de sobrevivência que o indivíduo pôs em prática durante a vivência traumática.

Portanto, o principal objectivo deste trabalho é de pensar, compreender e reflectir sobre o impacto psicológico da violência social e as estratégias de sobrevivência no caso específico de Ingrid Betancourt numa abordagem do modelo dinâmico. Para tal, recorre às obras escritas por Ingrid Betancourt e a outros meios audiovisuais que permitiram ter acesso a alguns pormenores da experiência do seu sequestro. O foco central é o livro que Ingrid escreveu originalmente em francês em 2010, dois anos depois da sua libertação, onde expõe a sua experiência de cativo e no qual se baseia a maioria do presente trabalho, *“Até o silêncio tem um fim”*. Como fontes adicionais de apoio, há um outro livro que contém cartas de Ingrid, escritas à família, durante o seu cativo *“Cartas a mamá desde el infierno”*. E para um conhecimento mais profundo da história da vida de Ingrid, acedeu-se à primeira obra escrita por ela em 2001, antes do sequestro, *“Com raiva no coração”*.

Para poder levar a cabo o objectivo do trabalho, inicialmente faz-se uma contextualização histórico-social de Ingrid Betancourt, seguida pela caracterização da Colômbia, e da descrição do seu sequestro pelas FARC. De seguida apresenta-se a narração dos seis anos e meio de sequestro, em que são introduzidas as estratégias de sobrevivência. Posteriormente faz-se uma análise mais profunda dessas estratégias, previamente categorizadas. Para finalizar, aborda-se brevemente o pós-sequestro, em que se nota uma necessidade de ruptura com a vida política e onde a escrita aparece como um acto reparador.

II. Contexto Histórico

1. Ingrid Betancourt Pulecio

Ingrid Betancourt Pulecio nasceu em 1961 em Bogotá, Colômbia, no seio de uma família invulgar, constituída pelo pai, Gabriel Betancourt, pela mãe, Yolanda Pulecio e pela irmã mais velha, Astrid Betancourt. O pai, Gabriel Betancourt, enquanto vivo fora Ministro da Educação e diplomata: era considerado como um dos grandes administradores da Educação Colombiana, tendo desenvolvido importantes modelos e projetos de educação implementados em toda América Latina e posteriormente no mundo inteiro. Fora altamente reconhecido pela criação do projeto ICETEX² para os jovens estudantes na Colômbia: o financiamento educativo para os estudantes mais carenciados com vista a facilitar o acesso à universidade, bem como financiamentos para estudar no estrangeiro. Fora também subdiretor geral da UNESCO em Paris, tendo sido o responsável por programas educativos a nível mundial (López Ocampo, J. 1992).

A mãe de Ingrid, Yolanda Pulecio, durante a sua juventude foi rainha de beleza da Colômbia. No entanto tornou-se socialmente reconhecida pelo seu incansável trabalho na ajuda às crianças de rua. Foi a responsável pela criação do primeiro albergue infantil para as crianças mais desfavorecidas, sendo atualmente um dos mais reconhecidos a nível nacional. Foi, através deste fervor pela juventude colombiana, que os pais de Ingrid se conheceram e casaram nos anos cinquenta do século passado. Posteriormente, a mãe de Ingrid fez parte ativa da política colombiana trabalhando em conjunto com outras figuras políticas com vista a ajudar essas crianças.

As primeiras lembranças de Ingrid remetem para a estadia da sua família em Paris nos anos sessenta, quando o seu pai era subdiretor geral da UNESCO. A mãe deixara o Albergue a cargo de uma equipa em Bogotá, enquanto acompanhava o seu marido em França. Durante a estadia em França, Yolanda aproveitou para estudar o sistema francês de assistência à infância, e encontrara grandes semelhanças entre o retorno dos “*pieds-noirs*”³ e os camponeses colombianos deslocados das suas terras por causa da miséria e da violência. Esta experiência foi de grande benefício para tornar o Albergue na organização de ajuda à infância mais reconhecida em Bogotá.

² ICETEX: Instituto Colombiano de Crédito Educativo e Estudos Técnicos no Exterior.

³ Cidadãos europeus residentes na Argélia que foram obrigados a sair do país após a independência em 1962.

Os pais de Ingrid foram, portanto, um casal frequentador da elite cultural de Paris, frequentados pela maior parte dos artistas estrangeiros. Assim sendo, Ingrid cresceu num ambiente multicultural: aprendeu francês na escola, enquanto ouvia em casa todas as outras línguas do mundo. A infância de Ingrid decorreu no meio de figuras internacionais muito importantes e de uma vida social muito ativa.

Retornaram à Colômbia em 1966, quando nomearam pela segunda vez, o pai de Ingrid Ministro da Educação. Era o início de uma nova vida para Ingrid e para Astrid: a descoberta do seu país de nascimento. Para Yolanda significava o começo da sua vida política como adjunta do Presidente da Câmara Municipal de Bogotá. Durante esses anos, políticos reconhecidos pediram ao pai de Ingrid para se candidatar à Presidência da República, com vista a revogar a corrupção que existia no governo, pois viram nele, uma pessoa com uma reputação de integridade excepcional. No entanto, Gabriel recusou esta proposta mesmo contra as súplicas da sua mulher para que a aceitasse.

O governo colombiano funcionara sempre através de favoritismos: cada ministro distribuía os cargos conforme as suas necessidades ou ambições pessoais. Gabriel exigira sempre que os cargos fossem ocupados por trabalhadores eleitos em função das suas capacidades técnicas e não do poder que representavam. Isto acabou por desgostar a classe política predominante do governo e como forma de o afastar, o Presidente da República nomeou-o Embaixador da Colômbia na UNESCO. Assim, em 1969, a família de Ingrid retorna mais uma vez a França. Desta vez, a mudança fora profundamente dolorosa para Yolanda, que abandonou o seu trabalho na Câmara Municipal e junto das crianças, para seguir um homem que a desiludira profundamente com a recusa da candidatura para a Presidência da República e assim, desistira da grande luta que ela sonhava.

Anos depois voltaram novamente à Colômbia; a relação de Yolanda e de Gabriel havia mudado e distanciaram-se. Gabriel viajava constantemente por questões da UNESCO, enquanto Yolanda ficava em casa. Nascera nela a ideia de não querer ser mais a acompanhante do seu marido mas sim viver por ela própria, trabalhando na sua obra social em Bogotá. O casamento acaba com um divórcio litigioso. Gabriel pediu a custódia das filhas que lhe foi concedida. Yolanda foi fortemente julgada por toda a sociedade que a via como a destruidora do seu casamento. Ingrid, de 15 anos, discordava da ordem do Tribunal, pois ao longo da sua vida, a figura materna fora sempre mais chegada do que a figura paterna.

Gabriel proibira as filhas de verem a mãe, chegando algumas vezes a falar mal dela. Yolanda, fortemente julgada e difamada pela mesma sociedade para quem trabalhara tanto, acabou por aceitar um trabalho na Embaixada da Colômbia em França numa tentativa de se distanciar.

A partida da mãe gerara em Ingrid uma grande ruptura. No Liceu Francês de Bogotá, Ingrid reintegrara-se com dificuldade e, para escapar à violência moral dos seus companheiros que conheciam o seu drama familiar, tornara-se uma adolescente rebelde, aguerrida e mais obstinada do que a média. O último ano neste Liceu foi um ano de descobertas intelectuais, sensuais e de aprendizagem da liberdade. Propôs-se manter uma relação de honestidade e de transparência com o seu pai e foi testemunha da evolução da mentalidade conservadora do mesmo para uma mais permissiva.

No fim desse ano, Ingrid voltou para França para realizar estudos em Ciências Políticas. Este desejo despertou cedo em Ingrid quando, em sua casa e com apenas dez anos, presenciava, às escondidas, as longas conversas de política que aconteciam nas reuniões dos seus pais com outras figuras públicas. Assistira a conversas dos políticos mais reconhecidos que comentavam os riscos das decisões tomadas para um país. Ingrid também desejava participar na construção do futuro da Colômbia. Gabriel não concordou com a decisão de Ingrid de iniciar os seus estudos em Política, pois no seu parecer, era desprezível que, num futuro, ela viesse a fazer parte da classe política colombiana, demasiado corrompida.

Durante os anos de faculdade, Ingrid conheceu o seu primeiro marido, Fabrice, um francês de trinta anos, divorciado e pai de Sébastien de quatro anos. Partilhavam o mesmo interesse pela política, sendo ele trabalhador ao Ministério de Negócios Estrangeiros. Algum tempo depois, Fabrice foi nomeado Embaixador da França no Canadá, pelo que viveram separados. Já no final dos estudos de Ingrid, Fabrice foi transferido para o Equador. Esta notícia foi recebida por Ingrid como um grande presente. A proximidade do seu país tornava mais possível, para Ingrid, o regresso. Por outro lado, Fabrice distanciava-se cada vez mais da ideia de aceitar um trabalho na Colômbia: o panorama colombiano era genuinamente desanimador. Por um lado, os narcotraficantes declararam guerra às instituições; por outro a guerrilha retomara as ações armadas⁴.

⁴ Em 1989 ocorreram 23.000 mortos por causa da violência.

No entanto, Ingrid engravidou e o marido foi transferido para as Seychelles e assim a ideia de voltar para a Colômbia afastara-se. A mãe de Ingrid renunciara ao trabalho na Embaixada de França para voltar definitivamente para a Colômbia, tendo recuperado as forças necessárias para ser eleita como deputada. Para Ingrid, a sua mãe tornara-se a ligação mais forte com a Colômbia e a sua fonte primária de informação relativamente ao drama colombiano.

Enquanto a mãe de Ingrid lutava pelo país e pelas crianças, Ingrid sentia que devia voltar para a Colômbia ao invés de ficar ao pé do seu marido. Este sentimento lembrava-a da sua infância quando a sua mãe renunciara ao seu trabalho para seguir o seu pai até França.

Em 1986, Ingrid viajou para Bogotá sob o pretexto de apresentar a Colômbia a Mélanie, sua filha recém-nascida. Durante a sua visita, começava a conhecer por perto a política colombiana, dominada pela corrupção e refletia sobre a incapacidade dos políticos colombianos para governar o país. Afirmava com convicção para ela própria a ideia de fazer parte do Parlamento. No regresso às Seychelles, a vida de Ingrid tornara-se cada vez mais frustrante e retomou as conversas telefônicas com a sua mãe para se manter em contato com a realidade da Colômbia.

O trabalho de Ingrid na política Colombiana começou nos anos 90. O seu regresso para a Colômbia ocorreu após o assassinio de Luís Carlos Galán, forte candidato para a presidência da Colômbia em 1990. Luís Carlos Galán estava determinado em lutar contra o narcotráfico chegando a exigir que fosse assinado o tratado para a extradição dos narcotraficantes reclamados pelos Estados Unidos. Foi morto a mando de Pablo Escobar, o chefe dos narcotraficantes. Esta época foi marcada por um grande terrorismo no país; com ataques à bomba nas principais cidades. Ninguém imaginava um futuro positivo para este estado, cada vez mais destruído pela máfia e pela corrupção. A mãe de Ingrid trabalhara com Luís Carlos Galán e, portanto, Ingrid “vivera” a tragédia da Colômbia através da sua mãe.

A situação da Colômbia provocou vários conflitos no casamento de Ingrid: ela estava decidida a voltar enquanto o marido se negava. A morte de Galán fora determinante na decisão de Ingrid. Chegou à Colômbia em 1990, após separar-se do seu marido e dos seus filhos que continuaram nas Seychelles. Começou a sua carreira na câmara de representantes, onde foi reconhecida pela sua constante luta contra a corrupção do governo e pela sua tentativa de encontrar uma saída pacífica para o conflito armado. Renunciara ao partido liberal depois de denunciar o Presidente da República nessa altura (Ernesto Samper – 1994 até

1998) num processo judicial, por ter recebido ajudas financeiras vindas do narcotráfico para as suas campanhas eleitorais. Criou o *Partido Verde Oxígeno* e lançou-se ao Senado em 1998; sendo eleita com o maior número de votos. Em 2001 renunciou ao Senado para começar a sua campanha presidencial e candidatar-se às eleições de 2002. Ingrid estava decidida a lutar pelo país que ama:

“Amo a Colômbia, a ponto de ter feito as opções mais dolorosas para ter o direito de lá viver. Amo este povo, porque, tendo sido vítima da mais cruel violência ao longo de um século, esconde tesouros de coragem e de paixão. A sua loucura colectiva é um pedido de socorro que o mundo se recusa a escutar.

A sua violência é o grito de todos aqueles que já estão fartos deste Estado-bandido, deste Estado de não-direito. Essa violência é também a nossa vergonha. As guerrilhas, os paramilitares, os narcotraficantes, os bandos de delinquentes que põem o país a ferro e fogo são ainda mais bárbaros do que esse Estado indigno que eles pretendem desafiar.

A pesar disso, por esmagadora maioria recusámo-nos a assinar um pacto com o Diabo. Condenados ao inferno diário, não perdemos a esperança. Nós, Colombianos, sonhamos com a paz, com a harmonia, com a justiça, e ensinamos os nossos filhos a viver na boa-fé, para não perdermos o que nos resta de esperança.

Com esta riqueza, não será difícil construir a Colômbia com que eu sonho, com que muitos de nós sonhamos. Em dez anos aprendi muito. Hoje sinto-me suficientemente forte para levar essa tarefa a bom termo. Imaginem só o país que seríamos se investíssemos no trabalho, na produção, na criação, no prazer e na família a incrível energia que investimos na morte... Não existe nenhuma organização de solidariedade entre os Colombianos, nenhuma rede digna desse nome. Vivemos isolados, vulneráveis, desafiando-nos uns aos outros. O nosso tecido social está profundamente afectado. Os únicos sistemas estruturados, e notavelmente eficazes, são os da droga, da corrupção, daquilo a que se chama «o crime organizado». É preciso inverter a relação de forças, é preciso que o que é escuro se torne claro.

Eu quero fazê-lo⁵”.

⁵ Betancourt, I. (2002) Com raiva no coração. P. 222.

2. A Colômbia

De acordo com a *The Colombian Auction* (2012), a Colômbia é o quarto país mais extenso pertencente à América do Sul. O território Colombiano é composto por 46 milhões de habitantes, sendo a sua capital a cidade de Bogotá. Conta com grandes níveis de riqueza imaterial como produto de uma história de hibridização cultural: compõem-no 102 etnias indígenas bem como 64 línguas ameríndias. Ao nível do meio ambiente, a Colômbia faz parte do grupo de países megadiversos aliados⁶ e trabalha para ser uma potência mundial no que respeita ao biocomércio. Atualmente a Colômbia vive um auge de crescimento e estabilidade no campo económico que faz com que seja um país com um elevado potencial de investimento estrangeiro.

No que respeita ao nível político, a Colômbia é uma democracia presidencial com um Congresso composto por Senado e Câmara de Representantes (268 participantes no total). No contexto histórico evidencia-se a conquista espanhola, a guerra pela independência e outras pequenas guerras civis ao longo do século XIX. A partir da metade do século passado, a violência na Colômbia tem estado estreitamente associada às rivalidades dos partidos tradicionais, Liberal e Conservador. Entre 1946 e 1966, a Colômbia foi cenário de um dos mais intensos e prolongados períodos de violência civil na história contemporânea; esta época foi denominada como “*La Violencia*”, tendo deixado, segundo as Nações Unidas (Oquist, 1978), um resto de 200.000 mortes. No início dos anos sessenta, a Colômbia apresentava a taxa de mortalidade mais elevada do mundo.

É considerado que este período de violência foi o resultado de vários processos socioeconómicos e sociopolíticos; durante esta época o Estado colombiano foi parcialmente derrubado pelas rivalidades entre os partidos Liberal e Conservador fazendo com que incrementasse a violência partidária. Esta destruição parcial do Estado manifestou-se na crise e inoperância das instituições estabelecidas, bem como em atos terroristas que debilitaram mais ainda a estrutura social. As instituições, judicial e policial, foram altamente politizadas; em 1948, após o assassinio do chefe do Partido Liberal, Jorge Eliécer Gaitán, a polícia liberal foi sistematicamente minada às mãos de polícias conservadores: alguns assassinos a soldo usufruíam de impunidade pelo apoio político. O regime conservador foi considerado ditatorial, o que levou a que o povo colombiano deixasse pouco a pouco de cooperar voluntariamente com ele. Assim, criaram-se formas subtis de desobediência e rebeliões

⁶ Com uma enorme biodiversidade.

abertas nalgumas zonas do país face à política do Estado. Uma vez que não existia poder suficiente para reprimir os liberais, os conservadores recorreram a atos terroristas: as forças paramilitares para fazerem face às guerrilhas liberais, e os assassínios políticos para suprimirem os membros e chefes liberais. A autoridade do Estado debilitara-se e os grupos rebeldes estabeleceram estruturas alternas de autoridade.

Entre os tipos de conflito na Colômbia durante essa época, importa destacar as guerras entre as guerrilhas partidárias, as rivalidades tradicionais na população, conflitos sobre o controlo das estruturas de poder local, conflitos sobre a possessão da terra, o abandono ou venda forçosa das parcelas agrícolas, os conflitos sobre a apropriação das colheitas cafeeiras e a delinquência comum. O Estado não servia como mediador entre estes conflitos deixando a violência seguir o seu próprio rumo. Com a continuidade de *La Violencia*, os conflitos partidários diminuíram em importância, enquanto os conflitos entre as diferentes classes socioeconómicas aumentaram. Surgiu ainda a atividade revolucionária organizada. Em 1953 dá-se o primeiro golpe militar contra o governo vindo das forças armadas. Assim, cria-se a Frente Nacional entre os liberais e os conservadores para garantir que nenhum destes partidos seria alguma vez excluído do poder do Estado. Esta aliança não deu fim a *La Violencia*, ainda que a diminuísse. Outros conflitos já se tinham estabelecido, e o Estado só funcionava para fazer face aos círculos rebeldes. Isto diminuía em grande parte as lutas violentas, mas não acabara com elas completamente. Novos processos socioeconómicos formaram novos tipos de violência na Colômbia, para além dos já tradicionais; criaram-se movimentos guerrilheiros organizados com o fim de conseguir o poder através da luta armada (Oquist, 1978).

Durante os anos 80, houve uma grande expansão subversiva na Colômbia: as guerrilhas de esquerda, que se encontravam disseminadas ao longo do país, intimidavam à população, enquanto os grupos paramilitares, de direita, assassinavam os seus membros. Adicionalmente apareceram sectores do narcotráfico que chocaram com as atividades delinquentes da guerrilha. Mas é durante a década de 90 que surgiu a maior degradação deste conflito, quando algumas das populações são tomadas pelas armas, quando são levadas a cabo desapareções forçadas, com o massacre de civis, com o deslocamento forçado massivo e alguns sequestros de civis, militares e políticos como estratégias de guerra.

A partir do ano 2003 iniciou-se uma desmobilização relativamente aos grupos paramilitares e a guerrilha começou a ver-se debilitada por causa de deserções e de pressão

militar; isto fez com que houvesse um decréscimo na intensidade do conflito. No entanto, os grupos paramilitares não se reintegraram na vida civil e começaram a comportar-se como cartéis de droga com grande capacidade militar para confrontar o governo. A guerrilha perdeu alguns membros, mas ainda conservava a capacidade de ação e confrontação em algumas zonas do país.

3. *As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - Exército do Povo (FARC – EP)*

Como foi enunciado anteriormente, desde os anos 40, a Colômbia vivia numa guerra civil (ou conflito armado) entre o Partido Liberal e o Partido Conservador na luta pelo poder, que afetava não só as cidades, mas também se expandira às zonas rurais. As FARC surgiram com a liderança de Manuel Marulanda Vélez, como uma manifestação de inconformidade por parte dos camponeses numa tentativa de proteção das suas vidas, bem como das suas propriedades, pois estas eram-lhes tiradas pelos membros dos Partidos em conflito.

Durante a época da Guerra Fria, na Colômbia, as FARC deixaram de ser uma organização defensiva para ser uma guerrilha comunista estalinista cujo objetivo declarado era “*acabar com as desigualdades sociais, políticas e económicas, a intervenção militar e financeira dos Estados Unidos na Colômbia através de um Estado marxista-leninista e bolivariano*”⁷. Assim, criaram hierarquias militares e estabeleceram várias frentes em diferentes pontos do país para atacar o exército e a polícia. Os primeiros conflitos entre as FARC e o exército colombiano ocorreram em 1964, quando as FARC eram constituídas por apenas quarenta indivíduos e vinte armas. Nessa altura, as FARC financiaram-se através de donativos em dinheiro dos camponeses, pedreiros, estudantes, pecuários e da classe alta; este dinheiro era intitulado “*os aportes*”. As FARC estabeleceram-se sempre como grandes opositores da extorsão e do sequestro, pelo que em várias ocasiões negaram este modo de operar. (Valencia & Gómez, 2008).

Nos anos 80, tentou-se pôr um fim às hostilidades: o governo pedira uma trégua e votaram-se reformas políticas no Congresso para o retorno da paz. No entanto, a guerrilha descobriu outro tipo de sustento para financiar os seus fundos, o “imposto do *peso*”, que consistia em cobrar uma taxa por cada grama de cocaína produzida pelos camponeses *cocaleiros*⁸ e pelos grupos narcotraficantes. Assim, as FARC desistiram do processo de paz e espalharam novamente o terror nos campos: todo aquele que não contribuía era cruelmente assassinado. Iniciou-se uma nova guerra entre os narcotraficantes e a guerrilha. Desta forma surgiram os grupos paramilitares, compostos por latifundiários e narcotraficantes para o auxílio da política de extrema-direita e para enfrentar a guerrilha (Valencia & Gómez, 2008).

⁷ Ideologia radical de esquerda que se basia nas idéias do militar e político, Simón Bolívar.

⁸ Camponeses envolvidos no negócio da cocaína.

As ações das FARC consistiam em combates regulares; assassinatos de civis, de membros do governo e militares; ameaças e sequestro com fins políticos ou com fins extorsivos; destruição de infraestruturas nas cidades; recrutamento de crianças para o combate e uso generalizado de minas terrestres. Segundo a organização independente dedicada à proteção e defesa dos direitos humanos, Human Rights Watch (2011), as FARC seriam constituídas por aproximadamente 17,500 combatentes, entre os quais 20 a 30%, seriam menores de 18 anos, muitos deles recrutados à força.

O objetivo de Ingrid Betancourt, com o seu *Partido Verde Oxígeno*, fora o de tentar estabelecer um diálogo entre todos os agentes do conflito, para retomar as negociações de paz. As eleições presidenciais aproximavam-se e ela tivera de cumprir uma visita específica a *San Vicente del Caguán*⁹. Esta zona apresentava uma particularidade: fora concedida às FARC pelo ex-presidente Andrés Pastrana durante o seu governo (1998- 2002), como uma das exigências das FARC para negociar a paz (Valencia & Gómez, 2008).



Figura 1. Mapa da Colômbia a mostrar a “Zona de Despeje”

⁹ *San Vicente del Caguán* é um território de 42.000 Km² (tamanho da Suíça) situado no centro da *Zona de Despeje*

No dia 14 de fevereiro de 2002, todos os candidatos presidenciais encontraram-se com os membros do secretariado das FARC em *San Vicente del Caguán* com o fim de obter apoio no processo de paz. Durante esse encontro, Ingrid denunciou a falta de humanidade das FARC e concluiu dizendo que a paz na Colômbia devia começar com a libertação de todos os sequestrados (mais de mil) em poder das FARC. Uma sucessão de factos precipitara o fim do processo de paz com as FARC. Foram autores do assassínio de uma cidadã com um colar bomba, o sequestro e posterior assassínio de uma ex-ministra, bem como o sequestro de um avião comercial onde viajava o Presidente da Comissão de Paz do Congresso. O governo determinara o fim do processo de paz e anunciara a expulsão das FARC da *Zona de Despeje*, por parte do exército. Como medida de garantia para o país das intenções governamentais, o Presidente da República faria uma viagem a *San Vicente del Caguán*.

A visita de Ingrid a *San Vicente del Caguán* coincidia com a visita do Presidente. Ingrid aceitou este compromisso com a condição de lhe ser fornecido um dispositivo de segurança em terra, uma vez que não haveria acesso ao aeroporto para voos civis. Aterraram em *Florencia* (370 km a sul de Bogotá) e continuariam por terra até *San Vicente del Caguán*. Em *Florencia*, foi corroborado a Ingrid a inexistência de perigo para continuar a viagem: o Presidente da Câmara organizara a chegada de Ingrid; os helicópteros haviam sobrevoado a zona durante a noite e o bispo conseguira chegar por terra a *San Vicente del Caguán* sem dificuldades. Para Ingrid, estas foram provas suficientes quanto à segurança do percurso que a esperava (Betancourt, 2011).

4. O Sequestro

Dia 23 de fevereiro de 2002.

Ingrid começara a viagem; chegara a *Florença* e encontrou o aeroporto completamente militarizado. Não lhe arranjaram os helicópteros de que necessitava para chegar até *San Vicente*, sob o pretexto que os mesmos seriam utilizados por jornalistas na chegada do Presidente da República. Por último, fora-lhe cancelado o plano de segurança por ordens da Presidência.

Para Ingrid, não se apresentar em *San Vicente* significava uma censura à liberdade de expressão sobre a guerra e a paz, era mostrar a impossibilidade de ouvir as populações marginalizadas sem direito a uma voz. Finalmente conseguiu arranjar um veículo oficial e deslocou-se com Adair, o seu chefe de logística, Clara Rojas, a secretária-geral da campanha e por último, um fotógrafo francês. Fora informada por militares, no início da estrada, que a via se encontrava desobstruída, não existindo relatos de qualquer bloqueio. Assim, Ingrid e os seus acompanhantes continuaram a viagem.

Passados alguns minutos, chegaram a uma descida e tiveram o primeiro contato com os guerrilheiros. Estes vestiam fardas iguais às do exército, sendo a única diferença as galochas que calçavam, ao invés das habituais botas de pele. Foram mandados parar e, após a confirmação da presença de Ingrid Betancourt, pediram-lhes para os acompanhar. Mais à frente viram dois autocarros, que também haviam caído na emboscada, serem regados com gasolina para serem destruídos. Estacionaram uns metros mais à frente, quando uma explosão despoletada por uma mina terrestre, pisada por um guerrilheiro, surpreendeu todos. Carregaram o guerrilheiro ferido e sem perna na *pick-up*, juntamente com Ingrid e os outros, e ordenaram a Adair que conduzisse. Após vinte minutos, de caminho estacionaram e abandonaram o homem ferido num “hospital” das FARC. Retomaram a viagem, com outros guerrilheiros no veículo, e pararam novamente após alguns minutos; obrigaram-nos a descer e tiraram o telemóvel a Ingrid:

“Foi nesse momento que tive a certeza do que me estava a acontecer. Acabava de ser feita refém” (Betancourt, 2011. p. 66).

III. *O cativo*

5. *Nota introdutória*

Ingrid Betancourt foi sequestrada pelas FARC a 23 de fevereiro de 2002 quando se dirigia para *San Vicente del Caguán* no sul da Colômbia. No dia 24 de Fevereiro, a guerrilha divulgou os motivos estritamente políticos para o rapto e informou que Ingrid permaneceria em cativeiro durante um ano, antes de começar a ser negociada a sua libertação. Assim, confirma-se a nível nacional o seu sequestro, encontrando-se detida nos acampamentos das FARC existentes ao longo do país. O governo confirmou o conhecimento do seu paradeiro no momento do sequestro, mas decidira não agir por medo que as confrontações levassem a um terrível desenlace.

Durante o seu cativeiro, que perduraria por seis anos e meio, Ingrid foi constantemente deslocada de acampamento, enjaulada, acorrentada e encarcerada. Juntaram-na várias vezes a outros sequestrados políticos e militares, bem como alguns sequestrados estrangeiros. O tratamento variava consoante o guarda, no entanto predominaram os maus tratos físicos e a tortura psicológica, as condições de vida insalubres, a privação de cuidados médicos e o isolamento imposto relativamente à sua família e, por vezes, aos seus companheiros de infortúnio. Ao longo do cativeiro tentou várias vezes fugir, no entanto foi sempre apanhada e brutalmente castigada.

Durante o cativeiro, Ingrid desenvolveu uma grande amizade com outro dos sequestrados, “Lucho”. Através dele, Ingrid toma conhecimento de uma estação de rádio pela qual os familiares dos sequestrados podem enviar mensagens, tornando-se assim possível a Ingrid ouvir as mensagens enviadas pelos seus familiares e amigos.

Várias vezes, o governo exigiu às FARC provas de vida dos sequestrados. Estas provas foram pedidas algumas vezes durante o cativeiro de Ingrid e surgiram em diferentes formatos. Em Julho de 2002 é entregue a primeira prova de vida; sensivelmente um ano depois, no verão de 2003 é entregue a segunda que consta de um vídeo onde Ingrid fala ativamente sobre a sua situação de sequestrada. A terceira foi uma carta que Ingrid escreveu à mãe, no dia 24 de Outubro de 2007. No entanto esta prova só é conhecida pelo governo em Dezembro de 2007 aquando uma confiscação de uns documentos durante uma detenção de guerrilheiros em Bogotá. O livro “*Cartas a mamá desde el infierno*”, foi publicado pelos filhos de Ingrid, Mélanie e Lorenzo, como parte de uma manifestação a favor dos reféns.

Neste livro consta a carta da terceira prova de sobrevivência de Ingrid, bem como uma resposta dos seus dois filhos, ainda que esta nunca tenha chegado até Ingrid durante o seu cativeiro.

No dia 2 de Julho de 2008, um grupo de 14 sequestrados, constituído por Ingrid, dez militares e três estadunidenses, é resgatado graças a uma missão “*Operación Jaque*” feita pelo Exército Nacional da Colômbia.

6. *O relato de Ingrid*

Dois anos após a sua libertação, Ingrid escreve o livro intitulado “*Até o silêncio tem um fim*”, onde relata a sua experiência de cativeiro. No relato, Ingrid rememora a sua experiência salientada por situações e episódios que permitem ao leitor ter uma ideia e tentar compreender esta vivência. A história do cativeiro começa no dia 23 de fevereiro de 2002, quando Ingrid é detida pelas FARC durante a sua campanha presidencial, junto com Clara Rojas, a sua colega de trabalho do *Partido Verde Oxígeno*.

No início do seu cativeiro, Ingrid nota um tratamento preferencial para com ela por parte dos seus captores: adquirira, algumas vezes, pequenos luxos que mesmo os guerrilheiros não podiam ter. Ingrid representava um grande valor para as FARC. De certa forma, existia um sentimento de respeito por ela, tendo sido exigido, pelos altos comandos das FARC, que fosse bem tratada. Inicialmente houve em Ingrid, um esforço de compreensão e reconhecimento desse novo mundo onde acabava de ser inserida: as novas palavras, as expressões próprias das FARC, o funcionamento hierárquico, a forma de controlo, a distribuição do poder, etc.

Com o passar dos dias, evidencia-se no relato uma grande necessidade de fantasiar para manter a esperança de ser libertada rapidamente, como já ocorrera no caso de outras figuras políticas, sequestradas anteriormente. Pouco a pouco, começa-se a aperceber que não havia indícios de uma libertação próxima, o que gerou nela uma grande angústia: “Como é que se pode viver quando outras pessoas estão a ser submetidas a um calvário?” Refletia ela sobre o comportamento dos guerrilheiros. Interrogava-se se os guerrilheiros tinham consciência da dor que estavam a causar, da destruição do outro, do sofrimento das famílias. Foi difícil compreender que eles pudessem viver o dia-a-dia dessa forma:

“A nossa existência desenrolava-se segundo uma lógica que os meus raptos procurariam sempre esconder-nos. Empurrei o jogo, incapaz de continuar. Quanto tempo iria durar isto? Três meses? Seis meses? Observava os seres à minha volta. A despreocupação de viver que se escapava dos seus gestos, a lentidão do bem-estar, a doçura daquele tempo ritmado por uma rotina imutável, tudo isso me punha doente. Como podiam eles dormir, comer, sorrir, partilhando o tempo e o espaço do calvário de outrem?” (Betancourt, 2011. p. 86).

Os seus pensamentos fugiam para o mundo longe dela, e esperava que os seus entes queridos fossem fortes e suportassem. Pensar na dor que eles poderiam estar a sentir era-lhe simplesmente insuportável. Assim, surgira nela a ideia de começar a preparar uma fuga; esta ideia conseguiu acalmá-la um pouco de todas as suas angústias.

O primeiro captor, César, fora o encarregado de a informar que iria ser deslocada para as profundidades da selva Amazónica:

“El Mocho pôs-se de pé ao meu lado. Estava emocionada sem saber porquê. Sentia que ele também o estava. Pôs a mão diante dos olhos para se proteger da reverberação e disse-me após um longo silêncio:

- Isto é a Amazónia.

Disse-o com uma grande tristeza, quase com resignação. As suas palavras ficaram gravadas no meu cérebro, como um enigma. A sua voz, o tom que utilizara, deixaram-me subitamente à beira do pânico. Olhava diante de mim, incapaz de falar, com o coração aos saltos, a perscrutar o horizonte para encontrar nele uma resposta. Tinha muito medo. Sentia o perigo. Mas não o via. Não podia reconhecê-lo. Mas estava ali, diante de mim, e não sabia como evitá-lo.

César, adivinhando os meus pensamentos, disse:

- E para ali que vai.” (Betancourt, 2011. p. 95).

Com o passar do tempo, a relação entre ela e a sua companheira de infortúnio tornou-se muito tensa. Clara verbalizava não ser ela a quem as FARC queriam pelo que não compreendia porque estava ali. Pediu a oportunidade de enviar uma carta a um dos chefes da

guerrilha explicando a sua situação e pedindo para ser libertada; Ingrid sentiu-se muito ferida. Nenhuma das duas escolhera esse destino. Mesmo no meio da desesperança existia, inicialmente, em Ingrid, a ideia de conseguir a liberdade.

Numa segunda tentativa de fuga, inicialmente bem sucedida por se conseguirem afastar durante alguns dias, Ingrid e Clara foram encontradas e fortemente punidas; os guerrilheiros construíram uma jaula para encerrá-las como forma de controlo. Ingrid expressou a sua grande dor por terem sido acorrentadas:

“A ideia de ser acorrentada não era nada comparável à realidade de o ser efetivamente [...] psicologicamente, a sensação era aterradora” (Betancourt, 2011. p. 195).

Como tentativa de se acalmar, sentia quase a obrigação de alimentar sempre uma ideia irracional: haveriam de sair dali. Mesmo que acorrentadas e enjauladas.

No relato que faz sobre a fuga e posterior captura, sente-se algum tipo de recriminação face à sua companheira, mas de uma forma compreensiva. Como se estivesse a tentar explicar a ela própria o porquê dos comportamentos de Clara. Sente-se que houve bastantes conflitos entre elas que ainda não haviam sido resolvidos.

Uma das punições impostas pelos guerrilheiros fora a impossibilidade de fazer qualquer coisa sem permissão. Se existia o desejo de fazer ou de ter alguma coisa, eles destruíam-no. Houve uma perda abrupta da autonomia. Qualquer pedido, mesmo mais vital, como ir à casa de banho, podia ser rejeitado.

Um dia, Ingrid apercebeu-se da notícia da morte do seu pai através de um pedaço de jornal que lhe fora dado para se entreter. Ao associar a palavra caixão ao nome do seu pai, sentiu-se invadida por um sentimento de morte iminente. Os guerrilheiros souberam com um mês de antecedência, que o pai de Ingrid morreria e ocultaram-no por medo que ela pudesse vir a fazer alguma coisa extrema. Surgiu nela um sentimento de indignação e de ódio profundo, desejando intensamente sair dali de imediato, num tremendo desespero e numa completa impotência. Relatou a sensação de ter sido tratada como um animal do zoológico; de ser constantemente observada nos seus comportamentos, nas suas emoções, nas suas reações:

“Ele sabia tudo: sabia da morte do meu pai e esperava que eu a descobrisse. Instalara-se no melhor camarote e deleitava-se com o meu sofrimento. Odiei-o

de imediato. O meu ódio obrigou-me a recompor-me, como uma chicotada em pleno rosto [...] Não queria que ele me visse. Não tinha direito nenhum de olhar para mim. Eu ia morrer, ia implodir, ia rebentar nesta selva de merda. Melhor assim. Iria juntar-me a ele. Era isso que eu queria. Queria desaparecer” (Betancourt, 2011. p.110).

Por causa da morte do seu pai, Ingrid começara a ter pesadelos: sonhava que o pai morrera nos seus braços e acordava em pânico para se encontrar com uma realidade ainda mais nefasta. Ingrid vivia o pesadelo: o pesadelo era a realidade da qual não podia acordar.

Desfazia-se durante a noite sem conseguir parar de chorar; chorava até de madrugada, para depois enterrar a sua dor, em labores quotidianos realizados mecanicamente para ter a sensação de continuar viva. Como partilhava a cama com a sua companheira Clara, esta exasperava-se. Ingrid sentia-se ainda mais ferida por não poder chorar em paz, pelo seu destino. Não encontrava espaço para a dor, para chorar sem causar incomodo à sua companheira, para fazer o seu luto “adequadamente”. Durante um ano tivera o pesadelo recorrente da morte do pai nos seus braços e acordava horrorizada e desorientada.

Pouco a pouco, a relação com Clara tornara-se cada vez mais intolerante. Houve uma forte rejeição mútua, como se estivessem a tentar separar-se uma da outra para fazer face ao seu destino de “siamesas”, uma vez que tinham de estar constantemente juntas. Clara parecia ficar facilmente impaciente e irritada com as conversas de Ingrid. O facto de Ingrid não poder ter alguém com quem falar tranquilamente, com cumplicidade, fizera com que a sua rotina fosse cada vez mais ensimesmada.

Todos os dias eram marcados com dor, amargura e esmorecimento progressivo. Foi necessário ser forte e controlar-se para ir resistindo aos rebaixamentos recorrentes dos guardas. As humilhações, os maus tratos, as ameaças foram sempre uma constante na dinâmica de captor e cativo. O medo era constante e crescia quando ela pensava muito: poderia ser assassinada a qualquer momento. Era uma tortura que nunca acabava.

Decidiu interromper a sua alimentação para fazer o luto do seu pai: desejava marcar o tempo com a sua própria dor. Não suportava pensar quer nos seus filhos quer na sua mãe:

“Permitia-me embalar-me no desgosto da evocação dos momentos que tinham construído o amor pelo meu pai, mas proibia-me o menor pensamento sobre os meus próprios filhos. Para mim, isso era simplesmente insuportável. Nas

ocasiões em que abrisse uma pequeníssima brecha evocando-os julgava que ia enlouquecer. Também não podia pensar na mamã. Desde a morte do Papá, começara a torturar-me pensar que ela também poderia desaparecer em qualquer momento” (Betancourt, 2011. p. 134).

Por causa do incômodo que causava na sua companheira e da sua incapacidade de dormir durante a noite, Ingrid descobriu o mundo da insônia; descobriu durante essas horas o acesso a outro mundo que não conhecia, onde falava com ela própria, falava com o seu pai e falava com Deus. Era o seu momento de intimidade.

Compreender que a sua liberdade dependia das negociações entre o Governo e as FARC fê-la sentir-se impotente perante o futuro; as diretrizes do governo não eram muito propensas a negociar com a guerrilha. Para eles, a única solução era destruir a guerrilha, não negociar com ela.

Era insuportável para Ingrid estar ali rodeada de tanta passividade e de tanto tempo desperdiçado. O facto de ter de se sujeitar às regras e às ordens dos seus captores fazia com perdesse, progressivamente, a sua independência, a sua autonomia, os seus direitos:

“Em cativeiro, a minha consciência do tempo inverteu-se completamente. Os dias pareciam não ter fim, cruelmente passados entre a angústia e o tédio [...] A minha consciência desse tempo irremediavelmente acabado despertava o terror de me sentir enterrada viva” (Betancourt, 2011. p. 137).

Horrorizava-se na incerteza de saber quando acabaria a sua tortura: o futuro estava morto. Nas suas reflexões imaginava que o Governo estava à espera que eventualmente os sequestrados perdessem o valor que representavam para as FARC e, então, seriam libertados:

“Estávamos em vias de pagar a maior condenação que pode ser infligida a um ser humano: a de não saber quando a sua pena terminará. O peso psicológico desta revelação era dramático. Já não podia considerar o futuro como um espaço de criação, de conquistas, de objetivos a atingir. O futuro estava morto” (Betancourt, 2011. p. 140).

A vida da guerrilha impunha a mudança constante de lugar: muitas vezes, a razão principal pela qual tinham de fugir, era porque o exército se encontrava perto, ou por ordens dos comandantes superiores de deslocar os cativos para outros acampamentos. Portanto,

existia também a possibilidade do acampamento ser bombardeado a qualquer momento: este cenário gerava nela uma ambivalência de sentimentos, por um lado teria de fugir do exército por medo de ser assassinada nos combates e, por outro lado, estaria a fugir das pessoas que a poderiam ajudar a reaver a sua liberdade. Estes pensamentos geravam nela imensas confusões e sentimentos de impotência ainda maiores. Durante estas mudanças de acampamento, aconteceu muitas vezes terem de andar durante vários dias, inclusivé meses inteiros. As condições de vida eram doentias e a alimentação era escassa e pobre; Ingrid não conseguia ser hábil o suficiente durante as marchas, o que representava uma carga para os guerrilheiros, pelo que os maus tratos se tornaram ainda mais recorrentes. Para Ingrid, tentar encontrar indícios de localização espacial era uma tarefa quase impossível. Desconhecia o ponto de localização, bem como o lugar para onde se dirigiam. Algumas vezes ouvia comentários sobre a proximidade com o Brasil, mas achava que os guerrilheiros procuravam gerar confusão proporcionando informações erradas. A angústia de sentir que se encontrava cada vez mais longe da família desesperava-a.

Para fazer face ao tempo desperdiçado, começara a tecer e agradecia a si própria por ter prestado atenção à sua tia, que insistira muito, na sua adolescência, para lhe ensinar a bordar. Enquanto tecia, meditava e refletia sobre as suas leituras da Bíblia. Sentia que através dessas leituras e das suas meditações se tornava uma pessoa mais tranquila e menos suscetível:

“Compreendia então que a vida nos facultava provisões para as nossas travessias do deserto. Tudo o que adquiria de forma ativa ou passiva, tudo o que aprendera voluntariamente ou por osmose, revelava-se como as verdadeiras riquezas da minha existência, agora que tinha perdido tudo”
(Betancourt, 2011. p. 131).

Cumpriram-se os primeiros sete meses de sequestro, percebendo-se em Ingrid um desinteresse no futuro e no mundo externo. Viver no presente tornara-se numa eternidade de desconsolo, sem esperanças de que chegasse o fim. As lembranças da sua vida faziam-na chorar de felicidade pela oportunidade que tivera de acumular esses momentos, que pôde usar durante o cativeiro, para alimentar a sua sede de felicidade. Como forma de proteção face a esse mundo hostil, Ingrid descobriu na Bíblia um interlocutor fiável; deixou de ser exclusivamente uma companhia e passou a ser uma voz viva que lhe falava. Através disto, as

suas angústias diminuíram e como exercício espiritual, obrigava-se a ser feliz no meio da maior desesperança.

Numa das mudanças de acampamento, foi construída uma jaula para fechar Ingrid e Clara. Planejar uma quarta tentativa de fuga tornara-se muito difícil, uma vez que a comunicação entre ela e a sua companheira era escassa: encontravam-se muito distantes emocionalmente. Clara irritava-se, com facilidade, pela obsessão de fuga de Ingrid, com a discussão dos detalhes, do plano, das precauções, etc. Para Ingrid, o castigo por uma nova tentativa de fuga não era pior do que a punição de não o tentar, pois a sua esperança residia na fuga. No momento desta nova fuga, a sua companheira não a acompanhou, pelo que teve de tomar a decisão de continuar, e enfrentar o terror de fugir sozinha. Conseguiu passar a sua primeira noite no meio na selva. No dia seguinte continuou a andar, mas sabia que deviam estar à sua procura e, portanto devia estar atenta. Chegara ao rio, mas não se conseguiu avançar:

“Mas era invadida por um medo feito de uma serie de pequenos medos miseráveis. Medo de ficar novamente encharcada quando já conseguira aquecer-me com a marcha. Medo de perder a minha mochila com as magras provisões que continha. Medo de ser levada pelas vagas. Medo de estar sozinha. Medo de ter medo. Medo de morrer estupidamente. Então, nesta reflexão que me desnudava vergonhosamente diante de mim mesma, compreendi que era ainda um ser medíocre e vulgar. Que ainda não tinha sofrido o suficiente para ter no ventre a raiva necessária para lutar até à morte pela minha liberdade” (Betancourt, 2011. p. 26).

Foi encontrada por uma guerrilheira que assistira ao seu desespero e angústia. Ingrid implorou-lhe que fugissem juntas, mas ela respondeu que não se podia fugir das FARC, que seriam encontradas e assassinadas ou que as pessoas das suas famílias seriam mortas. A guerrilheira advertiu-a do castigo que a esperava por ordem do comandante; explicou-lhe que tinha ordens para a abandonar e deixar junto dos guerrilheiros homens. Implorou-lhe que não respondesse a nenhuma das provocações, pois estes tinham ordens para a maltratar:

“Aproximou-se de mim e, com um gesto rápido tentou passar-me a corrente à volta do pescoço. Esquivei-me instintivamente e fiquei um passo, fora do seu alcance [...] Picado no seu orgulho, continha-se, avaliando o momento preciso para voltar a atacar [...] Os nossos olhares cruzaram-se, deve ter lido no meu

a determinação para evitar a violência e tê-lo interpretado como insolência. Lançou-se sobre mim e atingiu-me em cheio na cabeça com a corrente. Caí de joelhos [...] Sentia uma dor intensa, acompanhada por uma grande tristeza que me invadia por pequenas vagas à medida que tomava consciência do que acabava de acontecer [...] Recomeçou a pôr-me a corrente no pescoço [...] Caí inerte na escuridão, perdendo a noção do tempo. Sabia que o meu corpo era objeto das suas violências. Sentia-me assaltada, tendo entrado em convulsões, como transportada num comboio a alta velocidade [...] O meu corpo e o meu coração ficaram gelados durante o curto espaço de uma eternidade [...] Submetida a todas as humilhações, obrigada a andar com uma trela como um animal, a atravessar todo o acampamento sob os gritos de vitória do resto da tropa, excitando os mais baixos instintos de abuso e dominação, acabava de ser testemunha e vítima do pior” (Betancourt, 2011. p. 29).

Depois desse acontecimento, as medidas de segurança aumentaram. Fecharam-na com cadeados, durante a noite, na jaula; Ingrid sentia dor quando Clara se vangloriava por não estar acorrentada.

Depois de passar o primeiro Natal, Ingrid recebeu a visita de um chefe, membro do secretariado. Foi decidido que iria ser separada de Clara e mandaram construir outra casa só para ela. O chefe deu ordens para ninguém entrar em casa de Ingrid sem a sua autorização. Dedicou-se, então, a reestabelecer o equilíbrio emocional que tinha perdido. Com o passar do tempo e a aquisição da sua velha rotina, consegue dormir melhor. Surge nela uma necessidade de meditação como um meio de descobrir uma forma de viver mais introspectiva. Diariamente reflete sobre os acontecimentos do dia: foca-se nela e analisa alguns desses momentos. Existia nela um grande desejo de construir um “eu” mais sólido. Refugiava-se também na Bíblia, que era uma companhia constante. Através dela e da meditação, tentava dar um sentido à experiência e compreender o porquê. Quando analisava o seu dia a dia, pensava nas coisas que poderia aprender e perguntava-se de que forma poderia ainda crescer internamente. Através destes pensamentos, tentava encontrar um sentido para poder aceitar.

Mudaram-nas novamente de acampamento, penetrando ainda mais na selva, através de um rio. Juntaram-nas com outro grupo de guerrilheiros e com um senador também sequestrado, *Lucho*. Para Ingrid, este encontro foi uma bênção: a presença dele ajudava-a a mediar a sua relação com Clara, aliviando e libertando algumas tensões. Criou uma ligação

muito forte com este homem e sentia uma grande felicidade por ter novamente alguém com quem falar; expressava o grande bem-estar proveniente deste encontro e assemelhava-o a uma espécie de terapia. Deveriam continuar a marcha até ao novo acampamento. Uma vez aí, aperceberam-se que os guerrilheiros estavam a construir uma prisão perto, para onde iriam ser transferidos posteriormente:

“Era um campo de concentração em plena selva. Tinha pesadelos e despertava a meio da noite em sobressalto, coberta de suor. [...] A construção daquela prisão abalara-me profundamente. Era-me indispensável repetir para comigo que eu não era prisioneira, mas sequestrada. Que não tinha feito nada de mal, que não pagava por um delito. Que aqueles que me tinham despojado da minha liberdade não tinham nenhum direito sobre mim. Não tinha necessidade de submeter-me a eles. Para não esquecer que tinha o direito de rebelar-me” (Betancourt, 2011, p. 250-251).

Foram levados para a prisão onde já se encontravam outros sequestrados. A prisão estava dividida em duas: uma parte maior, para os militares sequestrados, e uma menor, para os civis. O espaço era terrivelmente reduzido: tinham de partilhar um quarto com sete pessoas e o que começara por ser uma relação cooperante e tolerante, foi rapidamente substituída por relações mesquinhas, calculistas e agressivas. Aferravam-se todos às pequenas coisas, pois o mundo reduzia-se. Os sequestrados transformavam-se em indivíduos indesejáveis quer no comportamento quer no pensamento. Não havia possibilidade de reclamar por medo de represálias. Foram obrigados ao silêncio:

“Os meus companheiros tinham vontade de falar, de se expressarem, mas as experiências terríveis que tinham vivido obrigavam-nos ao silêncio. Compreendi-o sem dificuldade. Ao partilhar as lembranças, produz-se uma evolução. Certos factos são demasiado dolorosos para serem contados: ao revelá-los voltamos a vivê-los outra vez. Uma pessoa espera que, com o passar do tempo, a dor desapareça, que será possível partilhar com os outros, aquilo que vivemos e que haverá um alívio do peso próprio do silêncio. No entanto, muitas vezes, quando as lembranças não nos produzem sofrimento, preferimos calar por respeito a nós próprios. Já não sentimos a necessidade de descarregar, senão de não magoar o outro com as lembranças das nossas próprias desgraças. Contar algumas coisas é permitir que se mantenham vivas

na mente dos outros, e então parece-nos que o mais conveniente é deixa-las morrer no nosso interior” (Betancourt, 2011. p. 261).

Com a chegada à prisão de três estadunidenses, também eles sequestrados, as relações transformaram-se ainda mais, piorando. Qualquer comentário era imediatamente tido como um ataque, e os guerrilheiros passaram a assumir uma posição ativa no desenrolar destes conflitos. Eram eles os responsáveis por espalhar intrigas e mal-entendidos entre os cativos. Ingrid tornara-se um alvo constante; o facto de ser uma figura pública, altamente reconhecida e fortemente procurada e disputada pela França, acabava por ser a fonte de muitas discussões e problemas. Em certas ocasiões, Ingrid conseguia obter regalias que os seus companheiros não recebiam, mas ao mesmo tempo era a mais fortemente castigada e repreendida. Despertava, inclusivé, alguma inveja entre as guerrilheiras, fazendo com que muitas vezes lhe fossem retirados os seus pertences.

Cada dia era mais difícil do que o anterior. Ingrid refletia muito sobre a forma de controlo da guerrilha. Tornara-se cada vez mais fácil perdoar o captor, em vez dos outros sequestrados, talvez porque deles se esperava alguma coisa. Para ela era de grande importância não ser rebaixada a um objeto; tentar manter a sua identidade. Tornara-se um assunto urgente para ela que os seus companheiros compreendessem a importância de tentar manter a sanidade mental; que não se podia, nem se devia viver assim; que as palavras tinham muito poder e que ela não permitiria ser reduzida a um número¹⁰. Não devia permitir a desumanização de si própria, nem dos seus companheiros. Houve uma grande necessidade de interceder pelos outros, de forma a não se perder na baixeza nem na mesquinhez:

“Não podia aceitar ser tratada como um objeto, ser denegrada aos olhos não só dos outros, mas sobretudo de mim mesma. Para mim, as palavras tinham um poder mágico, sobrenatural, e eu receava pela nossa saúde mental, pelo nosso equilíbrio, pelo nosso espírito. Já ouvira os guerrilheiros referirem-se a nós como «a carga», «os pacotes» e estremecera. Não era uma expressão anódina. Muito pelo contrário. Tinha por função desumanizar-nos. É mais fácil atirar sobre um pacote do que sobre um ser humano. Isso permitir-lhes-ia viver sem a culpabilidade o horror que nos faziam sofrer. Já era bem difícil que a guerrilha utilizasse esses termos para se referir a nós. Mas cairmos na

¹⁰ Ocorre um episódio onde os guerrilheiros pedem aos sequestrados para se numerarem para facilitar a contagem e verificar que ninguém escapara durante a noite. No fim da discussão os guerrilheiros aceitaram continuar a chamá-los pelos nomes.

armadilha de nós mesmos os utilizarmos, parecia-me horroroso. [...] Se a palavra dignidade tinha um sentido, era impossível aceitar identificar-se como um número” (Betancourt, 2011. p. 279).

Devido a esta tentativa de interceder pelos outros, Ingrid começava a ganhar cada vez mais inimigos. Enquanto uns buscavam pouco a pouco adaptar-se, ela tentava sempre não se submeter, pensar na liberdade, planejar as suas fugas. No entanto, a prisão representava a impossibilidade de fuga, e com isto grandes tempos de desesperança. Mais uma vez, Ingrid referia o desperdício do tempo; criava rotinas permitidas pelos guerrilheiros para contrariar essa passividade e para sentir que fazia alguma coisa com o seu tempo. Nalguns momentos, o simples facto de desejar alguma coisa ou de sentir felicidade por algo, era pior: os guerrilheiros roubavam-lhe qualquer desejo e qualquer felicidade. Instalara-se em Ingrid, uma profunda necessidade de aprender a não desejar e de se controlar relativamente às suas emoções, uma vez que isto a tornava mais vulnerável aos ataques.

Os torturadores eram completamente insensíveis e indiferentes à doença e ao sofrimento físico dos sequestrados. Assim, a vida dos cativos não significava nem representava nada, o que gerava uma enorme angústia. Esta situação era ainda reforçada pelo facto de não sentirem que o Governo mediava com a guerrilha, na tentativa de os libertar: não havia notícias de negociações.

Ingrid descobriu, através de Lucho, a existência de uma estação de rádio que emitia, aos sábados, mensagens dos familiares dos sequestrados: *“Las voces del secuestro”*. Para Ingrid, esta informação serviu como um profundo apoio emocional, criando-se uma rotina à volta da rádio para ouvir as mensagens da sua família, especialmente da mãe.

Por petição dos companheiros de ‘prisão’, Ingrid foi separada do grupo e enviada para outro acampamento, no qual reencontra Clara. Neste pequeno acampamento, perto da prisão, Clara acabava de ter um filho. A relação entre elas transformou-se subtilmente com a chegada deste bebé. Após uns dias, também Lucho se juntou a elas. Esta mudança significou para os três um grande alívio e bem-estar; o seu quotidiano tornou-se mais calmo. No entanto, esta informação chegava aos ouvidos dos ex-companheiros da ‘prisão’ fazendo com que protestassem contra as melhores condições de Ingrid, Lucho e Clara. Por petição dos seus ex-companheiros, Ingrid, Lucho e Clara retornaram à prisão:

“A porta de aço rangeu ao abrir-se e tive a impressão de ver seres às portas do inferno. Ganhei coragem e avancei. A satisfação mórbida no rosto de um dos meus companheiros agrediu-me como uma bofetada” (Betancourt, 2011. p. 319).

Por ordens dos guerrilheiros, Ingrid foi novamente separada dos seus companheiros, ficando perto das latrinas. No momento da mudança, ouviu um comentário de um dos seus companheiros:

“Acho muito bem! Pois que viva nesse cheiro a merda” (Betancourt, 2011. p. 320).

Ingrid descreve o quanto se sentia debilitada e lamentava-se por isto. Considerava que já devia ser imune aos maus tratos. No entanto, esses comportamentos ainda a magoavam e causavam-lhe muita dor. O retorno à prisão obrigara-a a uma avaliação contínua; encontrava muitos defeitos nela própria, que a faziam sentir desconfortável. Para contrastar com este sentimento decidiu trabalhar no autocontrole; era um trabalho difícil, pois nem sempre a fome e a reflexão puxavam para o mesmo lado.

Ingrid começava a notar um comportamento diferente nos seus companheiros, relativamente às suas próprias famílias. Apareceram, nalguns deles, grandes críticas e comentários depreciativos face a esses membros da família. Ela refletia:

“Na psicologia do prisioneiro havia uma tendência masoquista para crer que aqueles que lutavam pela nossa liberdade o faziam por razões oportunistas: não podíamos crer que ainda éramos dignos de ser amados” (Betancourt, 2011. p. 323).

Os dias posteriores foram igualmente difíceis, havendo sempre um motivo para a discussão entre os cativos. A guerrilha apreendera o rádio pertencente a cada um deles. Ingrid, no entanto, não devolvera o seu, sob o falso pretexto que tinha deixado de funcionar e que, por isso, o tinha deitado fora já há algum tempo. Fora uma tática para poder ficar com ele: o contato com as mensagens das famílias era, para alguns, o que os mantinha esperançosos. Separar-se do rádio significava separar-se da família mais uma vez.

Por causa deste incidente, o acampamento entrara novamente em discussões onde predominavam as divisões, as ameaças e os maus tratos. Para Ingrid, o resultado destas brigas residia no ressentimento:

“A chaga não cicatrizara. Ainda estava ressentida com eles. O que era ainda menos honroso era a sensação de poder perdoar mais facilmente aos meus carcereiros- porque, de certa forma, não esperava nada deles- do que aos meus irmãos de cativeiro, aos meus camaradas de infortúnio, porque deles esperava sempre mais” (Betancourt, 2011. p. 335).

Um dia receberam a notícia da libertação dos filhos de outra das sequestradas, Gloria. Os seus filhos, que tinham sido sequestrados com ela, tinham sido enviados para outro acampamento. Agora era a primeira vez que Gloria tinha notícias deles:

“Estranhamente, a felicidade de uns parece afligir os outros. O sofrimento de um companheiro parecia acalmar o de outro que parecia regozijar-se por ser mais beneficiado pelo destino” (Betancourt, 2011. p. 339).

Algum tempo depois, inteiraram-se da morte da mãe de Lucho. Por Ingrid ser tão próxima do Lucho, experimentara alguma espécie de reativação da dor que sentiu pela morte do seu próprio pai. Sentia ódio pelas FARC, por não poderem sair dali para estar com os seus familiares nesses tempos difíceis.

Em Setembro de 2004, um ano e meio após o sequestro de Ingrid, avisaram-nos que iriam empreender uma viagem que duraria até ao Natal e, para tal, tinham que se preparar fisicamente. Ingrid, da mesma forma que os seus companheiros, começou os treinos de resistência. No dia da partida, Ingrid sentia-se doente e com o passar dos dias ficava cada vez mais debilitada. Estava com uma crise hepática, que a impedia de continuar com o ritmo da viagem. Foi decidido que seria levada às costas pelos guerrilheiros. Rapidamente tornou-se um fardo ainda maior para eles; para aliviarem o peso, tiraram-lhe alguns dos seus pertences que ela denominava “os meus tesouros”, deixando-a profundamente abalada. Como vingança, maltratavam-na física e verbalmente. A acrescentar a tudo isto, sentia a pressão dos comentários odiosos provenientes dos seus companheiros, pois eles julgavam que fingia. Não se podia queixar e sentia-se cada dia mais miserável; a guerrilha conseguira, pouco a pouco, o que pretendia: fazer os cativos sentirem-se mal por se tornarem “cargas” para eles, ainda que fossem eles as vítimas. Ingrid recorda um dos dias que para ela teve um maior impacto: estava

deitada no chão, tinha acabado de ser vítima de humilhações por parte dos torturadores, tinha sido afastada como a um cão, e passaram por ela um grupo de militares e polícias, também sequestrados e acorrentados ao pescoço uns dos outros:

“- Doutora Ingrid? É a senhora? Coragem, havemos de sair disto. Estenderam-me a mão, acariciaram-me os cabelos, enviaram-me beijos com a mão, fizeram-me sinais de vitória e de coragem. Aqueles homens, infinitamente mais infelizes do que eu, com muitos mais anos de cativo, acorrentados pelo pescoço, doentes, famintos, abandonados pelo mundo; aqueles polícias e soldados colombianos ainda conseguiam pensar em outrem” (Betancourt, 2011. p. 385).

A marcha continua e, mais à frente, encontra-se novamente com estes soldados. Houve uma profunda indignação, entre eles, pelo maltrato de Ingrid. Devido às suas reclamações e intervenções, os guerrilheiros concordaram em a levar numa rede: era difícil, os caminhos eram, muitas vezes, estreitos e os guerrilheiros desesperavam-se. Assim, a sua tortura aumentava. Os guerrilheiros não tinham cuidado com o seu transporte fazendo com que fosse mais facilmente atingida por uma natureza selvagem. A dada altura, Ingrid foi separada do grupo, juntamente com Lucho e oito dos militares acorrentados. Passaram a estar a cargo de um acampamento composto maioritariamente por crianças. Foi reiteradamente advertida por um dos militares para não sentir pena das crianças e para controlar as suas emoções, a fim de se proteger de manipulações. Neste acampamento tiraram as correntes aos militares.

“Sabia que as F.A.R.C. brincavam com o fogo. Estávamos num mundo fechado, sem câmaras de filmar, sem testemunhas, à mercê dos nossos carcereiros. Durante as últimas semanas, observara o comportamento dessas crianças forçadas a comportarem-se como adultos, com uma espingarda na mão. Via já todos os sintomas de uma relação que poderia de deteriorar-se e decompor-se. Acreditava que era possível lutar contra isso, preservando a identidade. Mas também sabia que a pressão do grupo podia fazer daquelas crianças, os guardiões do inferno” (Betancourt, 2011. p. 433).

Neste acampamento foi-lhes pedido para fazerem uma lista do que precisavam, o que era sempre um indício de que não seriam libertados proximamente. Gerou-se uma grande discussão entre Lucho e o comandante por causa de uma emboscada feita aos sequestrados no dia de Natal: tinham sido filmados, sem consentimento, numa pequena festa que as FARC

tinham organizado propositadamente para fazer crer ao mundo que os cativos estavam felizes e bem tratados. Devido a esta discussão houve represálias: os guardas receberam instruções para os tratarem cruelmente. Isto desencadeou em Ingrid e Lucho uma grande preocupação, pelo que começaram a organizar a próxima fuga.

Em Julho de 2005 empreenderam uma nova fuga. Conseguiram afastar-se aproveitando o fluxo do rio. Cada dia que passava a fuga tornava-se mais difícil. Lucho temia pela sua saúde, devido à escassez de comida. Pedia a Ingrid para continuar sozinha, caso lhe acontecesse alguma coisa. Esta ideia despertava em Ingrid sentimentos de ambivalência: com alguma dificuldade, pensava no momento em que deveria decidir entre a sua liberdade e a vida de Lucho. Ingrid não suportaria libertar-se sozinha e deixá-lo morrer:

“Assim formulado, isso tornou-se um pacto. O eco destas palavras permaneceu suspenso no ar [...] A liberdade, essa joia apetecida, pela qual estávamos dispostos a arriscar as nossas vidas, perderia todo o seu esplendor se tivesse de ser carregada por uma vida de remorsos” (Betancourt, 2011. p. 487).

Passaram alguns dias de liberdade quando Lucho começou a sofrer de uma crise de hipoglicemia. Poderem continuar dependia da existência de comida. E esta não havia. Tinham perdido os anzóis que lhes permitiam pescar. Pensaram, várias vezes, pedir ajuda às embarcações que navegam pelo rio, mas como receavam serem apanhados, não o faziam. A dada altura, desesperados, pediram auxílio a uma embarcação de ‘camponeses’ que, na realidade, eram os guerrilheiros mascarados. De volta ao acampamento foram novamente castigados; o acampamento tornara-se novamente numa prisão para evitar outra fuga. Acorrentaram-nos pelo pescoço dois a dois:

“Lutei ferozmente. Para nada, porque sabia que tinha perdido. Mas eu não estava ali naquele lugar e àquela hora. Estava num outro momento, algures, com homens que me tinham feito mal e que se pareciam com eles, e eu batia-me contra eles, para nada e por tudo. O tempo deixara de ser linear; tornara-se permeável, com um sistema de vasos comunicantes. O passado regressava para ser revivido como uma projeção daquilo que poderia advir” (Betancourt, 2011. p. 493).

A corrente fê-la lembrar-se da sua vulnerabilidade. Ingrid demonstrava uma grande dificuldade em aceitar os castigos sem se revoltar, fazendo com que fosse ainda mais punida. Certa vez, Ingrid fez frente a uma mulher da guerrilha. Logo a seguir foi proibida de falar com Lucho e foram ameaçados com punições ainda mais terríveis se não obedecessem. Foram todos enfiados, Ingrid, Lucho e os outros companheiros, numa pequena embarcação e acorrentados uns aos outros e à própria embarcação. Os captores cobriram a embarcação com um toldo, para os proteger do sol. O ar tornava-se insuportável, mas o maior castigo era a humilhação de fazerem as necessidades à frente uns dos outros:

“Aquele ar rarefeito, condensado, contaminado, que nos queimava a garganta e nos fazia tossir sobre os outros, aquele calor que se acumulava sob o toldo, aquele sol mortífero, aquele suor dos nossos corpos a cozer em lume brando, aquelas exalações que nos deixavam agoniados, tudo aquilo era com certeza o preço coletivo a pagar pela nossa evasão” (Betancourt, 2011. p. 496).

E ainda que Ingrid fosse maltratada já há muito tempo, continuava a ser difícil para ela suportar as ofensas e a crueldade daqueles homens, pois parecia que não tinham limites. Após alguns dias de ser levada a cabo aquela tortura, fizeram-nos descer da embarcação: Ingrid foi novamente isolada do grupo e acorrentada a uma árvore, dia e noite, sem qualquer abrigo. Foi construída outra prisão e novamente era obrigada a dormir ao pé da latrina, acorrentada à árvore mais próxima:

“A minha proximidade dos chontos¹¹ era uma punição refinada. Eu vivia nos maus cheiros permanentes dos nossos corpos doentes. A náusea nunca me deixava, obrigada a ser testemunha importuna dos alívios dos corpos de todos os meus companheiros. Fizera do meu mosquiteiro o meu casulo. Refugiava-me ali do assalto dos insetos voadores sequiosos de sangue humano – o jején, a pajarilla, da mosca marrana- e do contato com os homens. Passava as vinte e quatro horas do dia encolhida no meu casulo, enroscada na minha rede num silêncio teimoso que não procurava abandonar, um silêncio sem fim” (Betancourt, 2011. p. 499).

¹¹ *Chontos*: palavra utilizada pelas FARC para designar as retretes improvisadas, escavadas no chão para uso dos prisioneiros.

Passaram-se assim seis meses, acorrentada à árvore. Entrara num estado de hibernação onde mudou a sua relação com Deus: afirmava não precisar mais de intermediários ou de rituais para chegar a Ele.

Numa manhã de Novembro de 2005 o acampamento foi bombardeado e tiveram de fugir à pressa. Começou novamente a marcha, que mais uma vez representava uma grande dificuldade para Ingrid. Era punida por tudo: por não conseguir ir ao mesmo ritmo que eles, por ter sede, por estar debilitada. Não lhe era permitido beber água e tudo o que ela precisava, era-lhe negado. Depois de Maio de 2006 apareceram novamente os três estadunidenses e juntaram-nos à marcha. Ingrid estava proibida de falar com qualquer um dos seus companheiros. Em Outubro do mesmo ano, foi construído um novo acampamento.

Com o tempo Ingrid começou a relacionar-se com um dos estadunidenses, Marc, dando início a um relacionamento mais íntimo; isto significava para ela uma enorme fonte de bem-estar. Conseguia, através de alguns guardas, falar com os seus companheiros, possibilitando o surgimento de emoções positivas no meio de tanta miséria. Quando os comandantes se aperceberam desta proximidade entre Marc e Ingrid, e do bem-estar que isso lhes causava, foi reforçada a ordem de não puderem falar com ninguém. Isto causara em Ingrid uma ansiedade muito grande, e levava-a a encontrar outro meio de comunicar com ele através da correspondência por cartas.

Como os comandantes suspeitaram destas comunicações, decidiram que Ingrid seria isolada novamente. Para ela, esta decisão foi terrivelmente abaladora; separar-se das relações com Lucho e com Marc representava um perigo vital para Ingrid. No seu novo acampamento, começou a desinvestir em tudo, não conseguindo ver um fim, uma saída à sua contínua desgraça. Deixou de existir, na sua realidade, qualquer coisa fundamental para lutar. Constantemente pedia para voltar ao acampamento onde estavam os seus companheiros. Um dia é informada que o chefe desse acampamento não o iria permitir:

“Não ouvi mais nada. Tive a impressão de que a minha vida parava ali. Surgiu uma nova erupção de pústulas, os vômitos voltaram e senti que estava a perder o contacto com a realidade” (Betancourt, 2011. p. 579).

Os guerrilheiros preocupavam-se com ela, e foi enviada para longe, para ser vigiada por um grupo de mulheres guerrilheiras. Por falta de cuidados médicos necessários, foi-lhe permitido que um dos militares sequestrados, William, lhe proporcionasse os cuidados

necessários. Foi uma época de grande dificuldade para Ingrid se manter em vida. O enfermeiro socorria-se de várias estratégias para a ajudar a voltar de novo à realidade. Foram-lhe fornecidos os medicamentos necessários e uma comida melhor, para a sua recuperação: é que as FARC precisavam de uma nova prova de vida (Outubro de 2007). No momento em que as FARC lhe explicaram a necessidade desta prova, Ingrid recusou-se, só desejava escrever uma carta para a mãe, como um testamento. O comandante Enrique ameaçou-a:

“Sentira piedade por ele. Evidentemente ele poderia obter essa prova, mas isso era-me indiferente. Era nisso que residia a minha força. Ele já não tinha domínio sobre mim, porque eu já aceitara a possibilidade de morrer. Acreditara durante toda a minha vida que era eterna. A minha eternidade parava ali, naquele tronco apodrecido, e a presença dessa morte tão próxima enchia-me de uma quietude que saboreava. Já não tinha necessidade de nada, já não desejava nada. A minha alma estava posta a nu: já não tinha medo de Enrique” (Betancourt, 2011. p. 586).

Concordaram que Ingrid iria escrever uma carta para a mãe. No entanto, gravaram-se também algumas imagens dela, ainda que contra a sua vontade. Ingrid não resistira. A carta que Ingrid escreveu continha uma dúzia de páginas onde relatava a sua vida na selva, no meio dos seus raptos: a violência, a solidão, as suas angústias e a nostalgia sentida pelos familiares e amigos prevalece ao longo do seu relato:

“Esta é uma selva muito densa, quase não chegam os raios do sol. Mas é deserta em afeto, solidariedade ou ternura” (Betancourt, 2008. p. 20).

Nota-se um discurso de cansaço, de submissão, de derrota:

“Estes seis anos, ou quase, de cativo, têm-me demonstrado que não sou tão resistente, tão valente e forte quanto eu pensava. Dei muitas batalhas, tentei fugir várias vezes, procurei manter a esperança [...] mas, hoje ‘mamita’, sinto-me vencida” (Betancourt, 2008. p. 21).

Após alguns meses retomaram a marcha até outro acampamento onde se encontrou com o seu amigo Lucho e os estadunidenses. A relação com Marc tornara-se um pouco distante. Para surpresa de todos, anunciaram a libertação de Lucho e de outros dois sequestrados. Clara também já tinha sido libertada, juntamente com outros dois companheiros do primeiro sequestro. A esperança de Ingrid aumentava consideravelmente: a sua liberdade

poderia ser só uma questão de tempo! Estariam a ser feitas algumas negociações entre as FARC e o governo Venezuelano. No entanto, os dias passavam e a esperança ia-se esvaindo:

“Não, eu não. Eu não estaria na lista das libertações das FARC. Disso estava certa” (Betancourt, 2011. p. 601).

Em Março e Abril de 2008 a marcha prolongou-se. A relação com Marc deteriorava-se: Ingrid sentia pena, pois, para ela, a amizade que construíram era valiosa. Ingrid mergulhava numa grande melancolia. Os dias eram dolorosos, tinha passado muito anos afastada da sua família. Nas suas orações, só desejava saber quando acabaria a sua tortura:

“Sentia-me como um cão velho. Já não ladrava, nem sentada, nem de pé. Observava apenas” (Betancourt, 2011. p. 618).

No dia 2 de Julho de 2008, foi resgatada pelo exército da Colômbia, juntamente com os militares sequestrados com ela e os três estadunidenses. A operação de resgate consistiu em fazê-los crer que uma comissão internacional iria transferi-los de helicóptero para outro acampamento por compromisso com as FARC. Todos os cativos tentaram resistir por impotência e medo: não sabiam para onde se dirigiam. Já em voo, o exército da Colômbia informou-os que estavam todos em liberdade, e os comandantes da guerrilha, que os acompanhavam, foram detidos:

“Um longo, longuíssimo e muito doloroso grito brotou do mais fundo de mim e encheu-me a garganta como se vomitasse fogo para o céu, forçando-me a abrir-me inteiramente, como num parto. Quando acabei de esvaziar os pulmões, os meus olhos abriram-se para um outro mundo e percebi que acabava de ser catapultada para a vida. Uma serenidade densa e intensa apoderou-se de mim, como um lago de águas profundas cuja superfície reflete a imagem dos picos nevados que o rodeiam” (Betancourt, 2011. p. 623).

O reencontro com a mãe e com os filhos foi descrito por Ingrid como uma grande vitória sob a desesperança, o esquecimento e a resignação.

A 23 de março de 2009, sete anos após a morte de seu pai e nove meses após a sua libertação, Ingrid escreve:

“O passado, parado no tempo, imóvel e infinito, volatilizou-se. Não resta nada dele. Então por que me sinto tão mal? Por que esta dor sem nome? Fiz o

caminho que me havia proposto e perdoei. Não quero viver agarrada ao ódio nem ao rancor. Quero ter o direito a viver em paz. Voltei a ser dona de mim mesma [...] Tornei-me um ser complexo. Já não consigo sentir uma emoção de cada vez, estou dividida entre contrários que me habitam e me sacodem. Sou dona de mim mesma, mas pequena e frágil, humilde, porque demasiado consciente da minha vulnerabilidade e da minha inconsistência. E a minha solidão repousa-me” (Betancourt, 2011. p. 97).

IV. *Efeitos da violência social*

Ao longo da história da psicanálise o conceito de trauma, e a sua avaliação clínica, tem sido influenciado e reestruturado por cada nova fase da teoria. Segundo Kahn (1963) cada surgimento de cada nova fase, traz um nível diferente da teoria do trauma. Isto não quer dizer que uma explicação nova do trauma venha anular a explicação anterior, mas sim que vai no mesmo sentido, corrigindo-a e reforçando-a, trazendo cada vez mais complexidade à metapsicologia da psicanálise.

Relativamente ao trauma, Freud (1920) expõe o conceito de escudo de proteção, dotado de energia e de empenho suficiente, para se auto preservar perante a ameaça das energias que circundam o mundo externo, e que desejam penetrar. Assim, Freud denomina como traumáticas, as excitações procedentes do exterior que possuem a energia suficiente para atravessar este escudo protetor. Este trauma exterior vai produzir uma elevada perturbação no intercambio da energia no organismo e porá em movimento todas as defesas. Quando há uma rotura extensa da proteção face a estas excitações externas, o resultado é considerado como a neurose traumática.

Segundo os autores Laub & Auerhahn (1993), o trauma pode destruir o vínculo entre o *Eu* e o *Outro* empático, estabelecido anteriormente através da capacidade mútua de resposta na ligação mãe-filho, e na introjeção materna como objeto. A experiência do trauma seria, portanto, o desvendar da relação entre o *Eu* e o *Outro* que me nutre. Um trauma psíquico extremo pode ser suficientemente violento, e exceder a capacidade de regulação do *Eu*, levando a uma indiferenciação dos limites entre o que é a realidade e a fantasia. Adicionalmente pode abalar a capacidade para o indivíduo organizar o trauma: quando o indivíduo é confrontado com uma elevada agressão, as habilidades psicológicas tornam-se ineficazes.

No âmbito deste estudo, encontramos-nos perante um fenómeno de violência social que leva a uma exposição extrema de experiências que podem ser consideradas traumáticas. Quando se fala dos efeitos da violência, especificamente nesta situação do sequestro, existem múltiplos fatores que devem ser tidos em conta, nomeadamente o autor do sequestro, a duração do cativo, as condições de salubridade e alimentação, os recursos psicológicos do cativo, a rede de suporte, entre muitos outros, que delineiam, de alguma forma, os efeitos desta situação de violência (Rodriguez Cely, L., 2002).

No entanto, vários autores coincidem nos efeitos que se desencadeiam num indivíduo após a vivência de trauma psíquico extremo. Segundo Rosenbaum e Varvin (2007), os efeitos de um trauma psíquico extremo afetam a relação do indivíduo com os outros, ao nível social e psicológico. Estes efeitos são muito complexos, uma vez que podem envolver aspetos tanto psíquicos como somáticos no indivíduo.

Niederland (1968, cit. por Kijak e Funtowicz, 1982) teve a oportunidade de observar cerca de oitocentos sobreviventes dos campos de concentração Nazis. Este autor descreveu a Síndrome do Sobrevivente de acordo com algumas manifestações psicopatológicas que podiam ser apreciadas nestas vítimas. Entre os sintomas que o autor descreveu, encontram-se:

1. A ansiedade como o sintoma mais comum, associado ao medo, às perturbações do sono e a múltiplas fobias.
2. Perturbações cognitivas e de memória.
3. Estados crónicos depressivos que vão de manifestações mais masoquistas a outras de desorganização psicótica.
4. Tendência ao isolamento e a relações de objeto mais instáveis, com traços de ambivalência.
5. Possibilidade de apresentação de alucinações persecutórias, estados de despersonalização, hipocondrias e manifestações paranóides, fortemente ligadas e determinadas pela história pessoal durante o cativo.
6. Alterações da identidade pessoal, da identidade do corpo e da imagem de si próprio, bem como da percepção do tempo e do espaço.
7. Manifestações psicossomáticas.
8. Aparência de estar morto em vida.

Sendo a anterior, uma mera descrição sintética dos efeitos observados, citar-se-á novamente o autor Varvin (2003) para aprofundar um pouco mais estas consequências. O autor afirma que após um evento traumático, como numa situação de tortura, a capacidade da mente pode ser perturbada de forma a que o desenvolvimento e a adaptação possam tornar-se patológicos. Os efeitos, portanto, são muito prejudiciais e, por vezes, duradouros. O evento traumático pode chegar a destruir qualquer barreira que o indivíduo tenha estabelecido como defesa; invade a mente e torna-se uma forma dominante do mundo interno do sujeito. Pode também tomar posse dos aspetos mais importantes da vida da pessoa, deixando-a numa condição pós-traumática.

Relativamente às relações de objeto, como referido anteriormente pode chegar a haver uma perda da proteção associada ao vínculo materno, principalmente à perda dos sentimentos básicos de confiança e de controlo, no momento em que se experimenta a perda do *outro* protetor e empático. Quando estas ligações são destruídas ou deterioradas, pode aparecer uma grande dificuldade em relacionar-se novamente com o *outro*, uma vez que este pode ser percebido como perigoso. Paralelamente, podem existir dificuldades no que concerne à organização dos acontecimentos numa lógica espaço-temporal. É necessário que esta lógica funcione adequadamente para a integração das percepções, sentimentos e pensamentos na formação do símbolo. Quando se apresentam dificuldades dentro da lógica da organização dos acontecimentos, a percepção pode ficar alterada desencadeando uma percepção simétrica, contígua e condensada das situações. Por exemplo, uma situação atual poder ser associada a uma vivência antiga de perigo, fazendo com que a situação atual seja percebida como perigosa. No pior dos casos, o trauma torna a experiência do tempo numa experiência fragmentada e desligada do tempo (Varvin, 2003).

Outras das consequências presentes nas vítimas podem ser profundos sentimentos de vergonha, uma vez que durante a experiência traumática há a possibilidade de terem sido tratadas como coisas ou como seres humanos inferiores, ou pela necessidade para sobreviverem, de se comportarem de acordo com padrões mais primitivos, que não estão em concordância com os seus ideais do *Eu* ou do *Super Eu*. Os efeitos do trauma são profundamente complexos podendo afetar também as dimensões das relações do indivíduo com o mundo externo. Pode haver efeitos nas relações do sujeito com os outros, de forma a que o indivíduo não seja capaz de concretizar ou de simbolizar as sensações. Relativamente aos efeitos nas relações do sujeito com um grupo, o *eu* e o grupo deixam de poder interagir cognitivamente e isto pode levar a surgir sentimentos de abandono e de não pertença a um grupo ou a uma família (Varvin, 2003).

De acordo com o pensamento de Silvia Amati (2004), o trauma extremo produto da violência social, provoca uma regressão a um estado psíquico de ambiguidade maleável e penetrável que permite ao torturador impor e ocupar, no mundo interno da vítima, o lugar dos objetos privilegiados, e de usurpar e sabotar a identificação projetiva. Quando a vítima se encontra neste estado de dependência ocorre um *re-amoldamento* adaptativo, que deixa o indivíduo simbioticamente dependente do contexto, onde o mundo interno está agora invadido pela mentalidade do agressor. Berenstein (2001 cit. por Amati, 2004) afirma que o indivíduo não se identifica com o agressor pela sua imposição, mas que a introjeção, a incorporação e a

internalização do mundo violento no indivíduo é permitida através da regressão ao estado psíquico de ambiguidade.

Para produzir este transtorno, o torturador tenta levar o prisioneiro a um grau extremo de psico-afetividade regressiva (Amati, 1987).

1. O cativo não se pode relacionar com o seu próprio corpo por causa do cansaço extremo, da tensão e do stress.
2. O cativo não se pode relacionar com a realidade externa, uma vez que o tempo, o espaço, e as outras referências estão quase obliterados pelo isolamento.
3. O cativo não se pode relacionar com os outros, pois essas possíveis relações saudáveis são destruídas; só a utilidade que este tem para os torturadores é ainda reconhecida e aceite.

O trauma extremo consequente da violência social é explicitamente organizado e executado, com a intenção de produzir esta regressão traumática e uma defesa através da ambiguidade. Está organizado e planeado para deixar o indivíduo num estado de penetrabilidade, de influência e de sugestão. Perante esta regressão, o cativo alcança um estado de indiferenciação, onde já não se reconhece.

O sofrimento que se produz nesta situação remete para o estado que Winnicott define como agonias primitivas, correspondente a um estado arcaico de dependência absoluta. No seu artigo *'Fear of breakdown'*, Winnicott (1974) refere-se a um medo extremo, como produto de uma falha na organização das defesas. Num processo de maturidade, o indivíduo adquire diferentes defesas, cuja estratificação é abalada perante o estado de *'Medo do colapso'*, havendo então uma ameaça de regressão a estados de agonia primitiva.

No caso da violência social extrema, o sujeito poderia alcançar estados de dependência absoluta onde primam as agonias primitivas: o retorno ao estado não integrado, ao estado de *'cair sem fim'*, à perda do conluio psicossomático (integração da mente e corpo), à perda do sentido da realidade, à capacidade de se relacionar com os objetos, etc. Seria, portanto, o retorno a uma agonia original, a qual, na sua altura, causou a organização defensiva e que o indivíduo trará numa segunda altura sob forma de uma síndrome patológica (Winnicott, 1974).

V. *Estratégias de Sobrevivência*

O sequestro de Ingrid Betancourt, com as suas características específicas, vai para além de um evento traumático categorizado, e que eventualmente poderia desencadear consequências que levassem a pensar num transtorno de stress pós-traumático. Já alguns autores se têm referido a este tipo de tortura sistematizada que tem ocorrido ao longo dos tempos, de humanos para humanos. Assim, podemos referir, por exemplo, os campos de concentração durante a II Guerra Mundial ou alguns governos de ditaduras. A América Latina não escapa a estes fenómenos e a Colômbia, especificamente, é um país com uma história de violência contínua e muito elevada. O povo colombiano tem sido submetido a inúmeros atos de miséria humana.

A terrível experiência de Ingrid é associada e comparada a épocas de repressão e de tortura que têm ocorrido nalguns países; ainda que distinta, é semelhante na medida em que não existe ninguém que possa interferir para que este fenómeno não ocorra e, por ser um grupo armado à margem da lei, tem as suas próprias formas de funcionamento. Este tipo de fenómenos é referido por alguns autores como um tipo de violência social, que se assemelha a uma manifestação contínua na qual, um ente “protetor” tenta aniquilar um ente indefeso. Por consequência, reduz-se o espaço de vinculação e de socialização até a sua mínima expressão. O que é estranho impõe-se ao *Eu*, o sujeito é ignorado e anulado, fazendo com que a ligação entre estes entes, se torne numa relação de dono-escravo. A capacidade de pensamento da vítima restringe-se ao nível mais básico, à confirmação da existência (Puget, 1989).

Como referido anteriormente, Ingrid foi deliberadamente submetida às torturas mais cruéis e como alguns autores poderiam afirmar, a uma tortura extrema. O excesso de violência é concebido quando se dá uma anulação do *Outro*, onde este é transformado num reflexo transparente. Seguindo esta lógica, o conceito de catástrofe social denomina um estado, no qual, a representação mental se encontra desarticulada num contexto de violência social. Subitamente, deixam de se reconhecer as regras que governam a interdependência grupal em relação à vida e à morte, ao delito e a sua penalização; este contexto torna-se incoerente e incompreensível (Puget, 1989). Estas catástrofes sociais têm consequências no que respeita à vida psíquica e à vida social. Assim, quando uma situação catastrófica põe em causa a integridade e a continuidade de um sistema, está a atacar as próprias bases da vida psíquica. As bases e as fronteiras metapsíquicas são destruídas (Käes, 1989).

O sofrimento vivido pelas vítimas destas perversidades torna-se perturbadora, uma vez que pode chegar a eliminar qualquer ilusão e confiança nos seres humanos e por fim, qualquer esperança. A contribuição de Winnicott de uma “*mãe continente*” é destruída e pervertida completamente. O indivíduo, no meio deste sofrimento, encontra-se perante um sentimento de sem-lugar. Quando ocorre uma falha em relação à certidão necessária e fundamental dos pressupostos básicos do ser humano acerca da sociedade, torna-se possível a formação de uma ideia absurda e irreparável da humanidade, (Amati, 1991).

Segundo Viñar (2005), existem registros de medos ancestrais sobre o terror à dor infinita; não se trata bem de um medo à morte, mas ainda pior, de um medo da agonia infinita. Em Ingrid, este medo torna-se real, uma vez que desconhece o fim da sua tortura, gerando nela uma profunda angústia. A tortura institucionalizada destrói as redes sociais que nos constituem como humanos: são os nossos semelhantes nos levam ao sofrimento infinito. Deixar de ser o ‘destino’ que coloca situações adversas nas vidas das pessoas, mas é uma pessoa igual a mim, que me está a impor esse sofrimento.

Na experiência de Ingrid, esta tortura consistia em tentar destruir tudo aquilo que ela representava: um *status* social, convicções específicas, a denúncia da corrupção, etc. Mas o mais valioso para as FARC era a figura que Ingrid representava: uma candidata presidencial. Por meio da constante tortura, a guerrilha ia destruindo pouco a pouco, o que Ingrid simbolizava:

“Esses oligarcas, esses filhos da puta que roubam o dinheiro dos pobres. Esses burgueses, esses mal nascidos, vamos a acabar com eles, vamos a acabar com eles¹²”.

Neste novo mundo desaparecem os pontos de referência que dantes faziam sentido. O meio envolvente que supõe normalmente uma proteção, torna-se agressor e atacante; neste mundo extremo, impõe-se e justifica-se o crime e a dor. É um mundo onde, a denúncia dos crimes contra a humanidade e contra os direitos humanos são vistos, não como um direito de cada cidadão, mas como pertencentes unicamente às classes burguesas. Assim, trata-se de um mundo isolado e violento que vai contra os pressupostos básicos de um indivíduo, sobre como deveria funcionar o mundo.

¹²Excerto de uma música que as F.A.R.C. cantam a Ingrid após ter sido apanhada na sua segunda tentativa de fuga. “Até o Silêncio tem um fim” (P.39)

Perante esta problemática alguns autores visam como meta terapêutica, e como acompanhamento analítico, formas muito específicas e explicitamente divergentes da situação analítica comum. Segundo Viñar (2005), a meta visa o reencontro da temporalidade psíquica: permitir discriminar entre o passado e o presente, e que o sujeito possa aceder à sua época atual com tranquilidade, sem ter ficado ancorado a um passado traumático, que contamina o presente e o futuro. É importante ver como cada sujeito, no inesperado da situação extrema, se consegue adaptar, quais as suas estratégias e quais os meios para continuar com vida.

Assim sendo, o objetivo deste trabalho, é debruçar-se sobre algumas estratégias a que Ingrid recorreu para sobreviver psiquicamente. Para uma maior compreensão da análise das temáticas, as estratégias foram agrupadas em quatro tópicos.

Ao longo do seu cativeiro, Ingrid recorre a diferentes estratégias para conseguir lidar com a sua nova realidade de sequestrada. Os guerrilheiros servem-se de diversos métodos para submeter os cativos; predominam os maus tratos, as ameaças, as humilhações, as intrigas, e, por vezes, as agressões físicas. Para fazer face a este mundo hostil e para tentar manter-se psiquicamente saudável, Ingrid vai arranjanado formas de se proteger e de se abstrair. Com o tempo é-lhe permitido o acesso a um dicionário enciclopédico e a uma Bíblia, os quais acabam por ser usados como proteção. Para além destes objetos, Ingrid conta com outros objetos pessoais que trazia no dia do seu sequestro, e que posteriormente, seriam denominados por ela como “os tesouros”.

Adicionalmente, Ingrid acaba por criar algumas relações estreitas com outros cativos, que acabam por servir como apoio nos momentos mais difíceis. De seguida, Ingrid encontraria a forma de ter contacto com a sua família, que acabaria por se tornar num pilar básico para a sua sobrevivência. Através de várias estratégias, bem como de recursos internos, Ingrid luta ativamente para não perder a sua identidade e para não se deixar submeter. No entanto, com o tempo, estas estratégias seriam debilitadas, deixando-a pouco a pouco, vulnerável psiquicamente cedendo mais facilmente perante esse mundo externo.

A continuação analisa-se mais em detalhe, “os tesouros”, a transição da oposição, para se proteger, à cedência, as relações com os companheiros de cativeiro e finalmente a relação com a família.

1. Os “Tesouros”

Ao longo do relato de Ingrid sobre o seu cativeiro, percebemos como certos objetos, que designa como “os tesouros”, que desempenham um papel fundamental na sua luta pela sobrevivência. Tratam-se de objetos com um grande valor afetivo. São eles: um envelope que lhe foi entregue graças à mediação da Igreja, com uma carta da mãe, umas fotografias dos filhos, um desenho do seu sobrinho e um poema da sua sobrinha; uma Bíblia que lhe foi disponibilizada durante os primeiros meses de cativeiro; um dicionário, que tinha pedido e que, depois de muito tempo, lhe foi concedido; as calças de ganga que levava vestidas no dia do seu sequestro e que tinham sido uma prenda de Natal da sua filha. Estes objetos eram muito prezados por Ingrid, que andava sempre com eles; sempre que mudava de acampamento levava-os, mesmo que significassem um grande peso físico. Não queria absolutamente a renunciar a eles.

O Dicionário Enciclopédico e a Bíblia podem ser considerados como objetos pertencentes à cultura; através destes recursos e juntamente com muitos outros mais, a sociedade relaciona-se com a cultura em geral. A Bíblia é uma ligação direta com a religião e o Dicionário Enciclopédico é um meio para aceder ao conhecimento. Segundo Varvin (2003), o nível onde o sentido das coisas é estabelecido recai nas relações individuais com a cultura (religião, textos filosóficos, normas...), adicionalmente é a fonte para encontrar caminhos para compreender temas existenciais, crises da vida, entre outros. O autor refere que esta dimensão concerne ao nível do discurso onde se inscrevem os signos de pertença a uma cultura.

Relativamente à relação que Ingrid mantém com a Bíblia pode-se pensar que é uma relação marcada por afetos. Tratar-se-ia de uma imagem de Deus idealizada construída por ela. Os momentos em que Ingrid se envolve no mundo da Bíblia, e da espiritualidade, estão altamente associados a períodos, nos quais, ela se encontra altamente influenciada por emoções e sentimentos. Estas emoções e sentimentos estão notavelmente ligados a um estado de isolamento, raiva, ansiedade, etc. No momento em que ela sente grandes abusos por parte dos outros (guerrilheiros ou não) ou situações que lhe mostram a realidade da qual ela está a fazer parte, fecha-se no seu mundo, como ela própria lhe chama, na procura de um sentido. É basicamente através da Bíblia que ela tenta dar um significado espiritual a esta experiência, uma vez que no seu mundo lógico, não encontra motivos reais que justifiquem a sua vivência. Através das suas meditações e da presença da Bíblia, as quais podem ser consideradas como o acesso a um mundo idealizado e a uma relação idealizada, Ingrid consegue refletir sobre as

suas vivências dentro do acampamento: as relações com os outros, marcadas frequentemente por uma ambivalência entre o valor positivo ou negativo, e o seu próprio comportamento.

No que respeita ao Dicionário, e como grande símbolo do conhecimento, é usado como uma forma de investir no tempo. Ingrid refere constantemente o grande castigo que é o sentimento de não ter nada para fazer. Com a chegada do Dicionário, Ingrid consegue colmatar de alguma maneira este tempo perdido para preenchê-lo com objetos positivos. Desta forma seria como uma perpetuação da sua vida anterior ao sequestro, onde ela se estimulava mentalmente de uma forma constante e onde tentava dar uma continuidade entre o “mundo de agora” e o “mundo de antes” ao trazer elementos que faziam parte do passado para o seu presente; através do Dicionário, Ingrid torna presente certos aspectos do outro mundo. À volta deste Dicionário, cria-se uma dinâmica no grupo, pois todos querem ter acesso a ele e para isto organizam-se horários de tal forma a que todos possam estar acompanhados por ele durante o dia. Este objeto adquire um imenso valor para todos e é sinónimo de poder; este facto, associado às relações que Ingrid tem com algumas pessoas do grupo, faz rapidamente com que a existência do Dicionário seja um ponto de debilidade para Ingrid, quando os outros tentam que este lhe seja retirado.

Quanto aos seus outros pertences, profundamente marcados por afetos e representações de coisas boas, simbolizavam a presença e a existência da sua família, e ajudavam-na a pensar que havia coisas fora do espaço de tortura que valiam a pena. Esses objectos representativos da sua família tornam-se deste modo a sua companhia física, em que cada um personifica a pessoa querida que lho ofereceu. Ingrid já não se encontrava só e através destes objetos sabia que havia pessoas que desejavam o seu bem-estar.

“A leitura da carta da Mamã encontrara lugar nesta rotina quase mística, com que tentava afugentar os demónios que tinham invadido o meu espaço. Ao lê-la entrava no universo do bom, do repouso, da paz” (Betancourt, 2011. p. 369).

Um dos momentos, que marca uma grande diferença entre a revolta de Ingrid face à guerrilha e a sua submissão, está associado a uma crise hepática que tem lugar durante uma das grandes marchas. Fica completamente dependente dos seus captores (é transportada numa maca) e, como castigo, são-lhe retirados alguns dos seus *tesouros* com a desculpa de não poderem ser transportados. Algum tempo depois, Ingrid aperceber-se-á que outros guerrilheiros se tinham apoderado desses “tesouros” que nunca mais voltariam a ser-lhe entregues.

2. *Da oposição à sujeição*

Este tópico fala da capacidade inicial de Ingrid em não se deixar submeter. Explica algumas das estratégias através das quais tenta manter a sua identidade, como ajuda a manter a identidade dos seus companheiros e como, pouco a pouco, vai começando a perder estas capacidades.

Segundo Silvia Amati (1989), em condições de violência social, cada pessoa aceita cada vez mais aquilo que dantes não se aceitava, chegando ao ponto de se comportar de uma forma que nem sequer a própria pessoa aprovaria. Perante esta problemática, tem que se ter em conta que, numa parte clivada e não integrada do mundo interno de cada indivíduo, existe uma absoluta necessidade de segurança, que protege das angústias mais arcaicas. Cada indivíduo deposita os seus aspetos mais indiferenciados e desconhecidos, na realidade externa mais imediata. Assim, qualquer realidade torna-se familiar e segura, ainda que não o seja. Neste nível da personalidade, existe uma dependência inconsciente do meio envolvente, que torna os indivíduos vulneráveis de ser possuídos e manipulados.

Amati desenvolve uma teorização que nos permite responder à questão de como é que uma pessoa se pode adaptar a qualquer situação, e que remete para uma fase primitiva do desenvolvimento do ser humano: “o único que é absolutamente obrigado a adaptar-se àquilo que encontra é o bebé à nascença. Nesse momento, o ser humano não tem qualquer escolha. Encontra-se numa total dependência do mundo externo e, no seu sentimento de existir, torna-se uno com o meio. Só um ambiente humano seguro e suficientemente bom lhe pode garantir a segurança de base: a boa simbiose permitir-lhe-ia fundar o sentimento de confiança necessário para caminhar até a maturidade” (Amati 1989). Com o tempo e através das identificações adquirir-se-ia uma personalidade diferenciada dos outros e o sentimento da sua própria identidade. Pode-se ver que o ser humano segue o caminho de não ter escolha nenhuma para o de poder fazer alguma escolha. No entanto ficará sempre no inconsciente uma vivência residual desse momento primário de indiferenciação, onde não existia diferença entre o *Eu* e os outros (Freud, 1919. Cit. por. Amati, 1989).

Bleger (1967 cit. por. Amati, 1987) denomina esta vivência como núcleo ambíguo, e que corresponde a uma posição arcaica que precede a posição paranóide-esquizoide e a depressiva. Neste estado os afetos estão indiscriminados. Este núcleo ambíguo não pode ser contido na personalidade do indivíduo, uma vez que está associado a uma profunda ansiedade. Para tal, há uma projeção deste núcleo ambíguo num depositário; esta projeção é denominada

vínculo simbiótico. Normalmente, este núcleo ambíguo encontra-se depositado em situações externas que proporcionam segurança: hábitos, família, profissão, religião ou qualquer fonte de segurança externa. Quando estes depositários não se encontram disponíveis durante períodos de tempo prolongados e/ou críticos, podem aparecer sintomas que representam uma tentativa de reintrojetar o núcleo ambíguo na personalidade. Durante a tortura pode haver uma perda dos depositários e surgir uma ansiedade catastrófica que é acrescentada pela insegurança e pelo sofrimento físico. Os torturadores impedem os cativos de se organizarem psiquicamente através das regras ambíguas e paradoxais que criam, destroem pouco a pouco as defesas e tornam os cativos extremadamente regressivos. Isto cria uma dependência absoluta do cativo ao torturador. O *Eu* protege-se da invasão da ambiguidade através da clivagem e da negação, mas se for invadido pelas mudanças bruscas do mundo externo, a ambiguidade invade o *Eu* e podem surgir sintomas, como a obnubilação do pensamento, ou a perda das capacidades mais elaboradas do indivíduo. (Amati, 1987).

Observamos que Ingrid, nos primeiros anos de cativo, mantém um *Eu* suficientemente estável e forte e apresenta um comportamento revoltado contra a realidade, onde não há espaço de aceitação, e tudo aquilo que se pensa é na sua libertação. Só a ideia de se adaptar provoca nela um imenso terror. Várias vezes, ao longo do seu testemunho, Ingrid refere a sua angústia relativamente à perda da identidade, sua e dos seus companheiros. Para fazer face a isso, arranja algumas estratégias de sobrevivência, nomeadamente uma atitude revoltada e indignada com a sua situação e a dos seus companheiros, uma atitude ativa no momento de interceder pelos direitos dos outros, um comportamento revoltado na tentativa de acabar com as atitudes mesquinhas. Existe nela uma grande inclinação para não se deixar submeter e, mesmo depois de receber fortes castigos, não consegue deixar de pensar em tentar escapar de novo, chegando a ter numerosas tentativas de fuga.

Com o passar dos anos, este comportamento revoltado dá lugar a uma profunda passividade, no entanto ainda consegue separar-se do torturador. A consciência que adquire pouco a pouco da crueldade humana significou nela um traumatismo extremo, podendo pensar-se que existiu alguma regressão psíquica. No entanto, houve sempre o grande esforço dela para triunfar face à situação extrema. Ainda que Ingrid deixasse de ser uma pessoa psiquicamente ativa para se tornar um sujeito mais subjugado:

“Uma vez nas mãos FARC, tendo perdido a minha liberdade, perdera também a minha identidade” (Betancourt, 2011. p. 546).

Consegue depois, numa altura de grande doença física e psíquica, reestabelecer a divisão entre ela e os seus captadores, pelo menos numa posterior racionalização do que foi o cativo. Por outro lado, durante o relato que faz do momento após a libertação, Ingrid afirma ter-se tornado num ser complexo:

“Tornei-me num ser complexo. Já não consigo sentir uma emoção de cada vez, estou dividida entre contrários que me habitam e me sacodem. Sou dona de mim mesma, mas pequena e frágil, humilde porque demasiado consciente da minha vulnerabilidade e da minha inconsistência [...] Sou a única responsável pelas minhas contradições” (Betancourt, 2011. p. 96-97).

Este excerto poderia remeter para o que os autores descrevem como a coexistência de sentimentos opostos. Pensa-se sobre uma possibilidade de haver existido uma regressão ao núcleo ambíguo, que poderia ter sido efetivamente trabalhado após a escrita do livro e a racionalização.

Durante o relato de Ingrid, é evidente uma constante angústia ligada à perda da identidade, manifestada tanto a nível físico, como a nível psíquico. Irreconhecível fisicamente, dada a metamorfose que tinha sofrido durante todos esses anos de cativo, e perante uma clara transformação psíquica, produto dos atos atrozes a que era submetida, e com os quais aprendera a viver; Ingrid consciencializa-se da ruína em que se encontra e da degeneração progressiva das suas faculdades. Compreende então, que mesmo que lhe seja retirada qualquer possibilidade de escolha e liberdade para tratar das coisas mais básicas (e.g. se libertar do corpo), ainda possui a liberdade de decidir quem quer ser: não seria mais uma vítima, mas uma sobrevivente. Chega o momento onde há uma aceitação da possibilidade de morrer e, mais ainda, uma tranquilidade face a esta possibilidade: já não há desejo de desejar.

Para Bettelheim (1943), o prisioneiro deve-se comportar de uma forma que ele próprio não admite; por causa das situações externas que o obrigam a tal. Assim, o prisioneiro pode cair numa grande regressão, onde só existe a dependência do outro e onde só encontra uma relação aditiva e simbiótica. Por causa desta regressão, o prisioneiro atinge um estado de indiferenciação, onde já não sabe o que realmente é.

Por outro lado, seguindo Puget (1989), quando a violência social se instala de uma forma permanente, aparece um estado de ameaça social. Isto consiste numa condição mental onde o *Eu* perde a possibilidade de reconhecer os indícios que lhe permitem discriminar

hierarquicamente o perigo que provém do mundo externo, de fazer uma distinção entre imaginação e realidade, entre vida e morte. No momento em que o indivíduo perde a possibilidade de discriminação, entra num estado de confusão ou de sideração. A incerteza e a angústia produzidas pelas constantes ameaças transformam-se num estado onde uma força que desorganiza, ataca os referentes que anteriormente davam coerência à identidade e ao sentimento de pertença. Segundo a autora, assim que a ameaça se instala como estado, produz-se um aumento das angústias confusionais e paranóides-esquizóides, fazendo com que o psiquismo se veja invadido por um constante sentimento de perigo e por pensamentos recorrentes de morte. Analogamente, instaura-se uma limitação ou inibição da ação. Este estado de ameaça pode favorecer o desejo de se estar morto com o fim de pôr um limite à angústia e pode ser igualmente comparado como o *'desejo de não desejar'* que se instala como defesa a uma dor insuportável.

Ao longo do relato de Ingrid encontra-se uma reincidência para esta ideia de aprender a não desejar. Durante o cativeiro instala-se uma dinâmica que consiste em ocultar os sentimentos em relação às coisas (situações, pessoas, objetos...) com o fim de se proteger. Através do comportamento natural e das emoções expressadas, os guerrilheiros encontravam a oportunidade de a pressionar. Esta aprendizagem demora algum tempo a instalar-se nela, e mesmo assim, nunca a consegue interiorizar e dominar completamente. Ingrid consciencializa-se desta urgência quando tudo aquilo que lhe proporciona alguma fonte de felicidade ou de bem-estar lhe é brutalmente arrebatado ou destruído. Poderia pensar-se que é constantemente submetida a separações do objeto que causam nela, dores profundas chegando até uma proximidade elevada da desistência de viver.

O momento mais crítico acontece após a separação de Marc, com quem ela manteve um relacionamento com traços predominantemente românticos. Mais uma vez, através de conspirações e intrigas, a guerrilha apercebe-se da proximidade com Marc e separam-nos. Ela ainda tenta lidar com esta separação, numa tentativa de correspondência por cartas com Marc, mas as FARC conseguem extrair-lhe a informação e é separada, definitivamente, para outro acampamento, longe das pessoas que já lhe eram familiares.

Perante esta separação, sem Marc e sem *Lucho*, Ingrid submerge-se nela própria; perde o apetite e essa dor psíquica transforma-se numa sintomatologia física: aparecem pústulas na pele e começa a vomitar sangue. Nem sequer consegue disfrutar da sua hora preferida durante

o dia: a hora de tomar banho. Adoece gravemente até o ponto em que a guerrilha é obrigada, para o seu próprio bem, a fornecer-lhe os cuidados necessários para não morrer.

“[...] e senti que estava a perder o contato com a realidade” (Betancourt, 2011. p. 579).

A separação das pessoas que lhe eram mais queridas em cativo provoca em Ingrid a ausência total do seu único foco/objecto protector. Alienada do mundo que a rodeia, torna-se mais fácil desistir da luta pela sobrevivência. É necessário que seja destacado outro sequestrado enfermeiro para a acompanhar, de forma a interromper essa espiral de alienação e ajudá-la a conectar-se novamente com o mundo. Obriga-a às conversas banais, lembra-a de cada pessoa da sua família e do porquê de tantos anos de sequestro, dos motivos pelos quais ainda estava viva.

Estas concepções da morte, medo de morrer ou desejo (por preferência) de morrer, para acabar com o seu calvário, variam durante os quase sete anos de sequestro. No entanto, os pensamentos e lembranças da sua família, nomeadamente dos filhos e da mãe, são desde o primeiro momento o motor do seu desejo de sobreviver.

3. Relações durante o cativo.

Esta dimensão foi escolhida para análise, uma vez que representa um pressuposto básico para a vida humana, as relações interpessoais. As relações humanas podem regular os estados afetivos individuais e podem possibilitar a diminuição de angústias, na medida em que outra figura pode ser usada para amortecer efeitos negativos da tortura. Especialmente, no caso de Ingrid, as relações com os seus companheiros, também vítimas da guerrilha, ganham um papel muito importante, quer para um sofrimento ainda maior, quer para uma ajuda à estabilidade emocional.

Outro nível de análise é o lugar que é imposto ao sujeito, dentro do grupo no decorrer de uma situação de violência significativa. O sujeito é obrigado a ocupar um lugar dentro da dinâmica de violência para representar o papel que a figura autoritária decide, não deixando a possibilidade ao sujeito de se inscrever naturalmente dentro do grupo. Esta imposição visa a segregar o grupo. A violência grupal pode desencadear um funcionamento baseado na fusão,

que torna muito difícil a discriminação entre o espaço individual e o espaço grupal. (Puget, 1989).

Pertencer a um grupo que represente a coletividade é uma condição necessária da vida; cada indivíduo tem a escolha de se aliar ou de se excluir do mesmo. Quando escolhida a exclusão, vive-se num sentimento de “não pertença” à estrutura social. No momento da violência social, os indivíduos são obrigados a pertencer ao mesmo grupo, despertando uma experiência de *aliança forçosa*. O grupo torna-se uma entidade organizada onde se originam afetos e atos incontroláveis, que facilitam a destruição dos seus membros (Puget, 1989).

O pensamento desta autora torna-se visível no relato de Ingrid. Podem ser evidentes os momentos nos quais ela experimenta um sentimento de não pertença ao grupo. Inicialmente, com Clara, experimenta uma forte rejeição. É imperativamente inserida na convivência com uma perfeita desconhecida; ainda que fossem colegas de trabalho, mal se conheciam no âmbito pessoal. Ingrid encontrara nela grandes rejeições e fortes episódios de intolerância. Reduzidas quase a uma só num espaço mínimo, tentaram separar-se através de qualquer meio: objeto, ação, situação, o que seja necessário e que simbolize a diferença entre elas. Uma vez que ainda podiam fazer escolhas diferentes ou ter pensamentos diferentes relativamente a uma mesma situação, isto representava uma proteção na tentativa de não perder cada uma a sua identidade. Para Ingrid, perder a liberdade não era sinónimo de perder a identidade e teria de defender-se em várias ocasiões para que isso não acontecesse. Na relação com Clara, não encontrara o amparo que necessita em momentos difíceis e cruciais, nomeadamente na altura em que descobre a morte do pai. Ingrid só vem descobrir a morte do seu pai, um mês depois desta ter acontecido ficando profundamente abalada.

Braun de Dunayevich & Pelento (1989) afirmam que em qualquer trabalho de luto, é sempre importante uma designação da realidade. Esta designação da realidade é feita através dos vários indícios sociais, jurídicos e religiosos que circundam a vida de qualquer pessoa, e que por sua vez, contêm a sabedoria da morte. Para as famílias onde ocorre uma morte, estes indícios funcionam como pontos de referência sobre a veracidade e a realidade da mesma. Estes indícios, para além de lidarem com a verdade do acontecimento, lidam também com a negação do sucedido. E é, através desta negação, onde lhe é permitido ao indivíduo de desenvolver as fantasias, as questões e, mais importante ainda, a verificação da morte.

Ingrid não tem a capacidade de fazer o luto adequadamente, uma vez que se encontra isolada do mundo externo, e dos indícios sociais, que lhe poderiam proporcionar os pontos de referência sobre a morte do pai. Ingrid refere:

“Quase enlouqueço com a morte do meu pai. Preciso falar com Astrid para fazer o meu luto. Nunca soube como aconteceu, quem estava ao pé dele, se me deixou alguma mensagem, uma benção”. (Betancourt, 2008. p. 28).

Só vem encontrar uma confirmação suficientemente significativa que lhe pode transmitir este ponto de certeza, e que antes não tinha conseguido fazer, no seu amigo *Lucho*, quando como ele, consegue discutir a morte do seu pai. Após vários meses de sequestro, juntam-na a ela e a Clara com um Senador, também sequestrado. Este Senador tornar-se-ia numa das pessoas mais próximas de Ingrid durante a sua longa espera e criar-se-ia um grande sentimento de amizade e de solidariedade. Com o encontro deste homem, Ingrid revive um vínculo seguro e familiar. Esta relação poderia ser pensada de uma forma paternal, onde Ingrid procura e encontra um grande apoio no dia-a-dia. *Lucho* torna-se numa figura que acalma e transforma algumas das angústias de Ingrid; alimenta o espírito de luta nas inúmeras reuniões onde fazem planos para o futuro do desenvolvimento do país, que dá continuação e mantém vivo psiquicamente o trabalho que ambos realizavam no Congresso. Manter a esperança de liberdade, seja como for, é um atributo que Ingrid aprecia profundamente:

“Mas devia sublinhar que, sendo a liberdade um direito, qualquer esforço para recuperá-la era um dever superior ao qual não podia furtar-me”
(Betancourt, 2011. p. 246).

Com *Lucho* existe novamente a possibilidade de fazer planos, de ocupar a mente, de ocupar o tempo, a dois. Ocupar-se a pensar numa libertação ou numa fuga é ainda mais estimulante e tranquilizador; este pensamento consegue que os pensamentos negativos de desesperança, de morte em vida ou de dor, se apartem durante alguns períodos de tempo e dêem lugar a pensamentos positivos onde ainda existe a possibilidade de uma vida feliz. Adicionalmente, o encontro com *Lucho* marca um importante momento durante o cativeiro de Ingrid: o contato com o seu mundo externo, o contato com a sua família. Através de uma estação de rádio, Ingrid consegue obter um contato unilateral, onde recebe e, mesmo que não lhe seja permitido devolver, alimenta-se, ajudando a manter-se viva.

Para além de Clara e de *Lucho*, Ingrid é obrigada a conviver com outras pessoas. Na prisão que a guerrilha constrói para os manter, Ingrid tem de conviver com mais nove pessoas. O mundo reduz-se a um espaço intolerável. Como referido anteriormente, os agentes de poder tentam desestabilizar as relações com vista a segregar o grupo e torná-lo vulnerável. O papel de Ingrid e aquilo que ela simboliza para a guerrilha, torna-se motivo de conflito: ela representa a peça com maior valor. Este facto é constantemente utilizado pelo grupo e pelos guerrilheiros para estimular discussões, problemas e maus tratos. Para além das miseráveis condições de vida, devem-se acrescer os problemas de convivência que cada um deles traz no dia-a-dia. Ingrid é rapidamente isolada e castigada.

Ingrid acode recorrentemente às bases na sua vida que lhe permitem criar uma defesa suficientemente capaz de proteger o *Eu*. A vivência num ambiente muito favorável a níveis económicos e culturais, o contato com diversas realidades e personalidades, o seu interesse e envolvimento ativo numa política que ela entendia como justa e apropriada para o país e, por fim, as suas memórias, brindaram-na sempre com a capacidade de lembrar e de sentir outras coisas que não a miséria de se encontrar cativa. Tal como defende Bettelheim (1943) é a capacidade de se apoiarem em ideologias, culturas ou num ideal poderoso e coerente, bem como a sua classe socioeconómica, que permite distinguir as diferenças significativas dos comportamentos dos prisioneiros perante um traumatismo extremo. O autor afirma que aqueles que não podiam proteger a integridade do *Eu*, não encontravam a força necessária para resistir aos nazis e não podiam compreender o que estava a acontecer. Através desses recursos internos, Ingrid protege-se constantemente da aberração que é a sua nova realidade e com o acesso a eles, encontra espaços necessários para ser feliz e para dar um sentido ao que se está a passar com ela, mais ainda, encontra motivos para se manter com vida e para se querer libertar.

Em várias ocasiões, a guerrilha destrói o que para Ingrid é valioso e de alguma forma terapêutico, havendo uma intrusão selvagem na vida privada e coletiva. É repetidamente separada e isolada do grupo que lhe faz bem, não há ocasião para conversar com as pessoas que lhe são mais próximas, reinando o silêncio e o medo. Tudo quanto pode ser pensado na ordem do terapêutico e do bem-estar é brutalmente extinto. Segundo René Kâes (1989), é extremamente importante o apoio grupal nas situações de crise. O grupo assegura as funções coletivas de gestão da memória e do esquecimento, articula a passagem da fantasmática à palavra e ao mito, ajudando a manter um apoio vital acerca das crenças partilhadas.

A posição que Ingrid tem no mundo do cativo é recorrentemente influenciada pela posição que mantém fora deste espaço. Aos ouvidos dos sequestrados, bem como aos dos guerrilheiros, chegam notícias do mundo inteiro: o sequestro de Ingrid traz uma publicidade nunca antes vista, não só dentro da Colômbia, mas também nalguns outros países tornando-se a figura pública que nenhum dos outros cativos é. A grande publicidade joga contra e a seu favor, durante o cativeiro. Por um lado, outros governos começam a interessar-se pela realidade social da Colômbia e pressionam o Governo para entrar em negociações e pressionar a guerrilha para libertar Ingrid e os outros sequestrados. Com esta publicidade negativa, as FARC passam a ser reconhecidos pela União Europeia como um grupo terrorista. Por outro lado, este reconhecimento mundial de Ingrid é o foco de origem de imensas discussões com os companheiros e com os guerrilheiros, que acabam por segregá-la ainda mais.

Para Ingrid, o reconhecimento externo sobre a sua situação cria-lhe novas esperanças e enche-a de coragem, no entanto quando se tenta aproximar dos outros é fortemente rejeitada. Torna-se constantemente culpada por qualquer discussão dentro do acampamento e a maioria dos companheiros viram-lhe as costas. A dinâmica do grupo passa rapidamente de ser cortês a severa por parte daqueles com personalidades mais agressivas. No entanto, ela ainda consegue mentalizar-se que os reféns não são os seus inimigos e que os seus verdadeiros rivais são os captivos. Perante a tentativa da guerrilha para os reduzir a objetos, Ingrid intervém constantemente para se defender e para defender os outros, existindo ainda dentro dela uma grande contestação face à desumanização pela qual estão a passar.

4. Relação com a família

O pensamento de Ingrid acerca da sua família é uma das estratégias mais importantes e fundamentais que ela refere para a aceitação da sua experiência e para manter-se viva. A relação de Ingrid com a família, bem como as anteriores estratégias de sobrevivência, é marcada por vários comportamentos que mudam conforme o tempo de cativeiro.

Uma das primeiras notícias que Ingrid recebe da sua família é o conhecimento da morte do seu pai: este episódio ativa uma angústia muito elevada. Esta angústia vem acompanhada por pensamentos intrusivos pela possibilidade da morte da sua mãe e, no geral, de não voltar a ter contato com nenhum dos seus entes queridos. Para fazer face a esta

angústia, Ingrid proíbe-se de pensar na sua família, uma vez que se sente enlouquecer quando o faz. Como forma de luto pela morte do pai, deixa de comer durante dez dias, numa tentativa de marcar este período com dor. A greve de fome, e a proibição de pensar na sua família, surgem como comportamentos de autopunição desencadeados por algum sentimento inconsciente de culpa. Pensa-se que esse sentimento de culpa poderá estar associado ao momento do seu sequestro.

Desde que Ingrid começou a sua carreira política, esteve sempre presente a ideia de fazer o bem, de desmascarar todos os políticos corruptos, vulgares na história da Colômbia. Essa ideia de grandiosidade, fundada desde a sua infância, tinha como objetivo proporcionar um futuro melhor para o povo colombiano. O início desta tarefa de tão grande magnitude está associado um grande risco. Ingrid sabe efetivamente o perigo que corre quando se enfrenta a classe política corrupta da Colômbia, pois não seria a primeira vez que alguém falha mortalmente na tentativa de o fazer. A própria Ingrid, já tinha vivido algumas experiências assustadoras, onde foi ameaçada de morte, juntamente com os seus filhos, tendo sido alvo de um atentado falhado. No entanto, encontra sempre forma de não ceder a estas pressões e chantagens, e disponibiliza as medidas de segurança necessárias aos seus filhos, sentindo-se ela própria intocável.

Ingrid refere no seu livro:

“Acreditara durante toda a minha vida que era eterna. A minha eternidade parava ali [...]” (Betancourt, 2011. p. 586).

Efetivamente, estas palavras podem ser tomadas como reais, uma vez que sempre desafiou os perigos que passavam pela sua frente. Uma vez sequestrada, podem ativar-se nela alguns sentimentos de culpa, em relação ao sofrimento que poderá desencadear na sua família como consequência dos comportamentos de risco que assumiu, e pelos quais se encontra sequestrada.

Onde está o amparo? O alimento, o refúgio e a palavra dos outros que nos rodeiam? Ainda que, ao longo do seu cativeiro Ingrid não tenha a possibilidade de se reunir com a sua família ou de falar com ela, existe um recurso determinante na sua sobrevivência. Este recurso é descoberto depois de se juntar com *Lucho*, uma vez que é através dele que Ingrid conhece uma estação de rádio que passa mensagens dos familiares dos sequestrados. Estas mensagens

da sua mãe, recebidas todos os dias durante todos os anos de cativeiro de Ingrid, eram o seu alimento afetivo.

Varvin (2003) refere que a formação de identidade é designada através do sentimento de pertença a uma família, a um grupo, a uma comunidade e uma nação, sendo diferenciado e único. Quando a dimensão do sujeito em relação ao grupo é distorcida, pela perversão e intrusão à intimidade do outro, a empatia reduz-se a egocentrismo e o sentimento de comunidade é abandonado. A pessoa já não se sente parte do grupo havendo a possibilidade da perda de parte da sua identidade pessoal, estabelecida previamente na relação com a família.

Rejeitada pelo grupo, e com a sua intimidade constantemente violada, as mensagens dos seus entes queridos, reforçam o seu sentimento de pertença a uma família no mundo exterior, sendo a ferramenta ideal que lhe permite consolidar a sua identidade pessoal. A constância destas mensagens corrobora a ideia de que ela ainda existe para os outros e não foi abandonada. Estabelece-se uma dinâmica entre Ingrid e a mãe, onde consegue alimentar-se através dela. Numa carta à mãe e aos filhos, Ingrid escreve:

“Esta é uma selva muito densa, dificilmente entram os raios do sol. Mas é deserta em afeto, solidariedade ou ternura. Por isso, a tua voz é o meu cordão umbilical com a vida¹³”.

¹³ Excerto da carta de prova de vida, escrita por Ingrid a 24 de outubro de 2007, na selva da Colômbia. *Cartas a mamá desde el infierno*. P. 10.

VI. *O fim do cativo*

1. *Em liberdade*

Por último, deseja-se abordar brevemente a função contentora do grupo social, neste caso, da Colômbia e pensar sobre os efeitos na experiência de Ingrid Betancourt. Braun de Dunayevich e Pelento (1989) expõem que o efeito contentor do macro-grupo social perde-se na medida em que fica submisso a uma situação irracional. Abandonam-se as regras reconhecidas de coexistência e emergem outras regras enigmáticas que impedem a compreensão dos direitos e dos deveres das pessoas. Uma parte da sociedade sucumbe a uma conspiração do silêncio e ao recurso do mecanismo de negação.

Viñar (2005) afirma que o reconhecimento social do crime tem um efeito benéfico para as vítimas e para as pessoas à volta da vítima, através da restituição de uma verdade histórica. Em oposição, ou seja, desmentir a experiência pode fechar os afetados a uma condição de se sentirem ‘diferentes’ e levá-los eventualmente a consequências indesejadas, como as sequelas, consideradas autoagressão, e a sociopatia, heteroagressão.

Ao longo da sua vida, a história de Ingrid foi marcada pelo sentimento de pertença a dois países: Colômbia e França, pois como ela própria o afirma:

“Sentira que era como uma árvore, os ramos na Colômbia e as raízes em França. Muito rapidamente, compreendera que o meu destino era viver procurando um equilíbrio entre os meus dois mundos” (Betancourt, 2011. p. 545).

No entanto, Ingrid decidira focar o seu trabalho e a sua vida a salvar a Colômbia, abdicando de tudo o resto. Ingrid referiu durante o cativo ser constantemente agredida pelos guerrilheiros, bem como pelos seus companheiros, por causa desta dupla pertença. A guerrilha não a considerava colombiana e através disso expressavam qualquer tipo de ressentimento. Odiavam-na por ser francesa.

Para Ingrid, a Colômbia perdera a função de suporte e sentia que a única ‘mãe’ era a França que lutava por ela até o fim. Também, se desencadeara nela uma grande angústia pela postura do governo colombiano de não negociar com as FARC, deixando todos os sequestrados no esquecimento, sendo constantemente confrontada com o pensamento de um cativo sem fim.

“A França abriu-me os braços com a generosidade de uma mãe. Para a Colômbia, pelo contrário, eu era um embaraço. Foram tecidas à minha volta todas as espécies de lendas para justificar a necessidade de me esquecerem. «A culpa é dela, foi ela que procurou isto», dizia uma voz na rádio. «Está apaixonada por um dos comandantes das FARC.» «Teve uma criança de um guerrilheiro.» «Ela já não quer regressar, ela vive com eles»” (Betancourt, 2011. p. 546).

Evidencia-se neste excerto uma perda do sentido em relação ao sacrifício que fizera pela Colômbia e pelos direitos dos colombianos, onde Ingrid arriscara a sua liberdade. Poderia pensar-se num profundo sentimento de traição e de falta de solidariedade.

“Quanto a mim, sentia-me tão francesa como colombiana. Mas sem o amor da Colômbia, já não sabia quem era, nem porque tinha combatido, nem porque estava sequestrada” (Betancourt, 2011. p. 547).

Numa das entrevistas que Ingrid deu após a sua libertação, e depois de ser fortemente julgada por processar judicialmente o Estado, exigindo uma indemnização, afirmou que o povo colombiano era um povo muito injusto. Poderia pensar-se que ao longo da sua experiência, Ingrid se apercebera que a sua idealização do ser humano não correspondia à realidade do que o ser humano é. Em reiteradas ocasiões, Ingrid sentira-se indignada e profundamente ferida pelos maus tratos recebidos e pela crueldade humana.

Ingrid parece ter criado ao longo da sua vida uma imagem do ser humano, bastante idealizada, e que entrara constantemente em confronto com a realidade durante o cativeiro, tendo recorrido, de facto, a um objeto idealizado (a Bíblia) para dar um sentido à experiência e usá-lo como fonte de segurança maior. Durante o tempo a sós com a Bíblia, abstraía-se do mundo real e das relações reais, para se focar nas suas relações mais idealizadas com um objeto idealizado e diminuir talvez, a angústia que lhe produzira este conflito. Com esta nova percepção do ser humano, completamente em contraste com a imagem criada ao longo da sua vida, apercebera-se, talvez pela proximidade com alguns dos problemas sociais mais significativos na Colômbia – a violência social – o que desejava para o seu país. Desejava um país mais parecido com a França, o que não era uma prioridade para o povo colombiano.

Em contraste com os autores, acerca da importância de reconhecer a vivência da vítima para o seu benefício ulterior, e não tendo recebido isso por parte da Colômbia,

compreende-se que Ingrid nunca mais tivesse regressado à Colômbia, e tivesse adotado a França como a sua única mãe. Pensa-se hipoteticamente sobre a decisão de Ingrid para se exiliar em França: terá sido unicamente como resguardo e como função de amparo, para combater os efeitos do sequestro e abrir a possibilidade a uma condição terapêutica? No âmbito da recuperação, pode-se reflectir sobre o benefício que poderá ter significado a distância física, onde há uma separação entre o lugar violento e perigoso e o lugar seguro, tendo escolhido o lugar seguro que lhe proporcionara o amparo que a Colômbia não fora. Ou terá sido um afastamento por se ter apercebido que o sacrifício pelo ideal que ela considerava importante para a Colômbia, não ser apreciado pelos colombianos? Daí o facto de não ter retomado a vida política e continuar a luta do que ela julgava importante; provavelmente os objetivos da sua ação não faziam mais sentido.

2. *O objetivo da escrita*

Na leitura feita sobre a violência social, nota-se uma grande recorrência por parte dos autores, quanto a algumas preocupações que se podiam evidenciar nas vítimas ou sobreviventes de episódios de violência social, chamando a atenção para as mesmas. Quando as experiências acabaram, houve uma grande necessidade de transmitir aos outros o que aconteceu na vida da vítima durante essa experiência, para nunca se permitir ou permitir os outros esquecer, para impedir que isto possa acontecer a outra pessoa. É necessário, para os sobreviventes, lutar contra o esquecimento e o recalçamento (Käes, 1989).

Na reflexão acerca do fim da escrita para Ingrid Betancourt e do que foram os anos de cativo, citar-se-á a autora Chasseguet-Smirgel (1984). Para esta autora, existem dois tipos de criação relativamente à reparação, sendo um destes o ato criativo para a reparação do *self*. Só no ato criativo que visa à reparação do *self*, há uma implicação de descargas pulsionais associadas à sublimação: o sujeito procura a restauração da própria integridade através das descargas pulsionais que se encontram no ato criativo.

No caso de Ingrid, pensa-se na escrita do livro ligada a uma posição depressiva. Segal (1952/1991. Cit. por Delgado, 2012) refere que o ato de criação está relacionado com uma memória inconsciente de um mundo interno harmonioso e com uma experiência de destruição, ou seja, com uma posição depressiva. O objetivo seria o de recuperar e recriar o mundo perdido através de um equilíbrio entre elementos ‘feios’ e ‘belos’, onde o receptor consiga identificar-se com o processo.

Relativamente a Ingrid, a escrita do seu livro pode ser considerada como ato de reparação do *self* movido por uma posição depressiva. O sequestro de Ingrid deixou marcas muito profundas ao nível psicológico, e considera-se a escrita como um espaço para pensar a sua experiência, para racionalizar e para encontrar uma lógica. Esta reparação poderia estar ligada de alguma forma à perda, uma vez que se considera terem acontecido nela algumas perdas importantes: claramente a perda da liberdade durante muitos anos, mas mais que isso seria a perda da identidade, a perda da sua idealização em relação ao ser humano e a perda do sentido em relação aos seus ideais e ao seu trabalho para salvar a Colômbia.

Outro aspeto importante a ter em conta na escrita do livro é o facto de Ingrid ter escrito a sua vivência na língua francesa, tendo sido a experiência traumática “vivida em espanhol”. Isto é pensado, mais uma vez, como uma tentativa de distanciamento na atividade de relembrar e de reviver, em certos aspetos, a sua experiência traumática. Enquanto que a escrita surge como ligação entre um passado, um presente e um futuro, o idioma diferente com que se relata o passado, oferece a distância necessária para iniciar um ato potencialmente reparador e benéfico.

VII. Referências Bibliográficas

- Amati, S. (1987) Some Thoughts on Torture. *Free Associations*. January 1, 1987. Vol. 1, nº 8.
- Amati, S. (1989) Récupérer la honte. Em *Violence d'état et psychanalyse*. Paris. Éditions Dunod 1989.
- Amati, S. (1991) Souffrance, douleur et cadres sociaux. Em *Revue Française de Psychanalyse* No. 4. (1991), 945-955.
- Amati, S. (2004) Traumatic Social Violence: Challenging our Unconscious Adaptation: An Urgent Psychoanalytical Concern. Em *International Forum of Psychoanalysis*. January 1, 2004. Vol. 13.
- Battelheim, B. (1943) Individual and Mass Behavior in Extreme Situations. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 38.
- Betancourt, I. (2001) *Com raiva no coração*. Terramar Editores, Distribuidores e Livreiros, Lda. Março de 2002
- Betancourt, I (2008) *Cartas a mamá desde el infierno*. Debate
- Betancourt, I. (2011) *Até o Silêncio tem um fim*. Editora Objectiva.
- Braun de Dunayevich, J. Pelento, M.L. (1989) Les vicissitudes de la pulsion de savoir dans certains deuils spéciaux. Em *Violence d'état et psychanalyse*. Paris. Éditions Dunod 1989.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1984) Thoughts on the Concept of Reparation and the Hierarchy of Creative Arts. Em *International Review of Psycho-Analysis*, Janeiro 1, 1984, Vol. 11. Base de Dados: PEP Archive.
- Colombia Political Demilitarized Zone (2011). [Ilustração Gráfica retirada a 11 de Maio, 2013]. Mapa da Colômbia da “Zona de Despeje” acesso em roebuckclasses. Retirado em http://www.roebuckclasses.com/maps/topicmap/Colombiadrugwar/Colombia_political_DMZ.jpg
- Delgado, L. (2012) *Psicanálise e Criatividade: estudo psicodinâmico dos processos criativos artísticos*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 2012.

- Freud, S. (1920) Más allá del principio del placer. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Traducción directa do alemán por Luis López Ballesteros. Acceso em Bases Documentales Folio Views.
- Human Rights Watch (2011) *Colombia : Asesinato por las FARC de Personas en Cautiverio Constituye un Crimen de Guerra*. Retirado de <http://www.hrw.org/es/news/2011/11/28/colombia-asesinato-por-las-farc-de-personas-en-cautiverio-constituye-un-crimen-de-gu>
- Laub, D., Auerhahn, N. C. (1993) Knowing and not Knowing Massive Psychic Trauma: Forms of Traumatic Memory. Em *International Journal of Psycho-Analysis*. Janeiro 1, 1993, Vol. 74.
- López Ocampo, J. (1992) Biografía: Betancur Mejía, Gabriel. *Gran Enciclopedia de Colombia del Círculo de Lectores*. Retirado de <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/biografias/betagabr.htm>
- Käes, R (1989) Ruptures Catastrophiques et Travail de la Mémoire. Em *Violence d'état et psychanalyse*. Paris. Éditions Dunod 1989.
- Kahn, M (1963) The Concept of Cumulative Trauma. Em *Psychoanalytic Study of the Child*. Janeiro 1, 1963. Vol. 18.
- Kijak, M., Funtowicz, S. (1982) The Syndrome of the Survivor of Extreme Situations – Definitions, Difficulties, Hypotheses. Em *International Review of Psycho-Analysis*. January 1, 1982. Vol. 9. Base de Dados: PEP Archive.
- Navia, C., Ossa, M. (2003). Family Functioning, Coping, and Psychological Adjustment in Victims and Their Families Following Kidnapping. *Journal Of Traumatic Stress*, 16(1),107.
- Oquist, P. (1978) *Violencia, Conflicto y Política en Colombia*. Instituto de Estudios Colombianos. Biblioteca Banco Popular.
- Puget, J (1989) État de menace et psychanalyse. Em *Violence d'état et psychanalyse*. Paris. Éditions Dunod 1989.
- Rodriguez Cely, L (2002) *Anuario de Psicología Jurídica*, Volumen 12, año 2002. Págs. 141-149.

- Rosenbaum, B., Varvin, S. (2007) The influence of extreme traumatization on body, mind and social relations. Em *International Journal of Psychoanalysis*. 2007, Vol. 88.
- The Colombian Auction. (2012). *This is Colombia*. Retirado de <http://www.colombia.co/en/this-is-colombia/asi-es-colombia.html>
- Valencia, M. (Produtor), & Gómez, M. (Diretor) (2008). *Colombia Vive: 25 Años de Resistencia* [Documentário Histórico]. Colômbia. Canal Caracol & Revista Semana.
- Varvin, S (2003) Extreme Traumatization : Strategies for Mental Survivor. *International Forum of Psychoanalysis, January 1, Vol. 12, Nº 1*. Base de Dados: PEP Archive.
- Viñar, M (2005) Especificidad de la tortura como trauma. El desierto humano cuando las palabras se extinguen. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis (En línea)*. ISSN 1688-7247
- Winnicott, D., W. (1974) Fear of Breakdown. Em *International Review of Psycho-Analysis*. January 1, 1974, Vol. 1. Base de Dados: PEP Archive.